

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ISANETE APARECIDA PEREIRA

**FOLIA DE REIS NA CIDADE DE ROMARIA NA DÉCADA DE 1970: UMA FESTA
ENTRE A TRADIÇÃO E O POPULAR**

UBERLÂNDIA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ISANETE APARECIDA PEREIRA

**FOLIA DE REIS NA CIDADE DE ROMARIA NA DÉCADA DE 1970: UMA FESTA
ENTRE A TRADIÇÃO E O POPULAR**

Monografia apresentada ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mara Regina do Nascimento

UBERLÂNDIA

2015

ISANETE APARECIDA PEREIRA

**FOLIA DE REIS NA CIDADE DE ROMARIA NA DÉCADA DE 1970: UMA
FESTA ENTRE A TRADIÇÃO E O POPULAR**

Prof^a D^{ra} Mara Regina do Nascimento (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia

Prof^a Me. Juliana Martins Silva

Prof Me. Durval Saturino Cardoso de Paula

Data: 10/07/2015

Resultado: Aprovada.

RESUMO

O propósito desse trabalho é entender a dimensão histórica e cultural acerca da devoção popular aos Santos Reis, na cidade de Romaria, a partir da década de 1970, marcada pela festividade em homenagem a tais Santos, denominada de Folia de Reis. Desde a formação da cidade de Romaria até a atualidade é possível perceber que a religiosidade faz parte do jeito de viver da população romariense. Uma religiosidade mesclada com a cultura popular e comercial, assunto esse que nos serviu de fonte para a pesquisa, porque nesse âmbito as festividades realizadas em torno das Falias de Reis têm revelado mais que uma prática religiosa. A escolha da temática foi a partir da minha própria vivência e experiências em participar das festividades, o que contribuiu para a formação da minha identidade. Mesmo não tendo nascido na referida cidade, fui desde pequena, inserida nas festas religiosas da cidade de Romaria, principalmente, encontro das Falias de Reis e Festa de Nossa Senhora da Abadia. Neta de moradores de Romaria participava todos os anos de ambas as festas, no mês de janeiro e no mês de agosto, respectivamente. Nesse contexto, fui crescendo e amadurecendo acompanhando a trajetória de fé e louvor a que tal cidade foi formada. Assim, a pesquisa baseou-se em aspectos teórico-metodológicas da história cultural e religiosa, tendo como campo, principalmente, memória e religiosidade popular. Como fontes de referências utilizamos fontes orais e entrevistas. Tais fontes trouxeram para a pesquisa às narrativas e memórias a religiosidade popular em que o personagem central, Santos Reis, ainda hoje é conhecido, partindo de uma experiência devocional religiosa. A partir da pesquisa tivemos a oportunidade de repensar a religiosidade popular brasileira e seus significados. O núcleo da minha análise foi à busca pelas tradições festivas na cidade de Romaria e a crença em Santos Reis, suas representações, práticas e discursos. Trataremos também da história local da população e o mito dos moradores da antiga Água Suja.

Palavras-chave: Folia de Reis. Memória. Religiosidade popular.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1 - SIGNIFICADO HISTÓRICO DE FESTAS NO BRASIL.....	7
1.1 A jornada de uma folia.....	12
1.2 Festas: A celebração da fé ou do profano.....	17
1.3 A formação histórica da cidade de Romaria.....	21
CAPÍTULO 2 - AS FESTAS EM ROMARIA.....	24
2.1 Os primeiros habitantes da antiga Água Suja.....	25
2.2 A religiosidade em Romaria e a propagação do culto a nossa Senhora da Abadia.....	29
2.3 Entrevista a Foliões na cidade de Romaria.....	35
2.4 Estrutura, comércio, economia informal e os problemas sociais na cidade de Romaria.....	39
2.5 Os trabalhos de Padre Eustáquio.....	41
2.6 O que é ser Santo (a) no imaginário popular.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51
FONTES DOCUMENTAIS.....	54

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender os vários sentidos e significados da festividade em homenagem aos Santos Reis, denominada de Folia de Reis na cidade de Romaria-MG, a partir da década de 1970. Desde a formação da cidade de Romaria até a atualidade é possível perceber que a religiosidade faz parte do jeito de viver da população romariense. Embora essa relação devocional da população seja uma característica marcante e inegável, é uma devoção de caráter popular.

Como objetivo específico propõe entender o processo histórico de festas no Brasil, bem como a celebração da Folia de Reis como uma demonstração da fé; compreender a formação histórica e religiosa da cidade de Romaria e a mistura de fé, cultura e economia que acontece nos dias festivos.

A escolha da temática foi a partir da minha própria vivência e experiências em participar das festividades, o que contribuiu para a formação da minha identidade. Mesmo não tendo nascido na referida cidade, fui desde pequena, inserida nas festas religiosas da cidade de Romaria, “Festa dos Santos Reis” e “Festa de Agosto”¹. Neta de moradores de Romaria fiel a fé católica e a Nossa Senhora da Abadia e aos Santos Reis, participava todos os anos de ambas as festas, no mês de janeiro e no mês de agosto, respectivamente. Nesse contexto, fui crescendo e amadurecendo acompanhando a trajetória de fé em louvor a que tal cidade foi formada.

Se tratando das fontes, usamos de pesquisas biográficas, de cronistas, da oralidade e entrevistas. Em relação à pesquisa documental, na cidade de Romaria há poucos documentos. Os sujeitos participantes das “Folias de Reis” foram selecionados como referência para a pesquisa, especialmente os foliões, que são os participantes centrais das festas. Esses revelam suas práticas religiosas e culturais não apenas no dia da vivência das comemorações,

¹ A festa de agosto é uma manifestação religiosa, cultural e econômica que ocorre na cidade de Romaria no mês de agosto de cada ano, em louvor a Nossa Senhora da Abadia. Nessa época a cidade que tem aproximadamente 4 mil habitantes recebe visitantes de todas as partes, especialmente da região, chegando no dia mais importante da festa, 15 de agosto, a 100 mil visitantes. A festa começa especificamente no dia 6 de agosto e vai até dia 15, porém no começo do mês de agosto a cidade já está cheia, movimentando o comércio local (Disponível em: <<http://romaria.mg.gov.br/index.php/a-cidade>>. Acesso em 11 de julho de 2014).

geralmente compõem um ritmo de vida que vai além do apresentado na festa, demonstrando-se pertencer culturalmente àquela manifestação religiosa e cultural, o que se torna impossível negar a importância da história de vida desses foliões.

A partir da experiência pessoal apresentada, escolhemos o tema, surgindo assim como indagação: “As festas das folias de Reis na cidade de Romaria são celebrações de fé ou profanas?”.

Baseando nas obras da bibliografia, no primeiro capítulo da presente pesquisa apresentaremos o significado histórico de festas no Brasil, a jornada de uma folia de Reis e a celebração da fé e do profano, pois é através da religião que percebemos os símbolos e as crenças dos indivíduos que o inserem na sociedade.

Apresentaremos a formação histórica e cultural da cidade de Romaria, antigamente chamada de Água Suja. Isto porque, o entendimento histórico e cultural dos encontros de Folias de Reis na referida cidade, permite compreender que a religiosidade é representada por um expressivo número de sujeitos da população da cidade e também da região que acreditam no poder da oração em louvor a Santos Reis.

Já no segundo capítulo descreveremos sobre a cidade de Romaria e o seu desenvolvimento urbano. Também, o que é ser Santo (a) no imaginário popular, conforme análise da escritora e moradora da cidade, Damasceno (1997). Serão estudados o exemplo de fé em Padre Eustáquio e sua santidade na visão do povo de Romaria e região e o movimento dos peregrinos à cidade nos dias de festas. As festas dos encontros das folias de Reis na cidade de Romaria permitem que parte da população represente uma aceitação da religião, porque acredita no poder da oração e na fé em Santos Reis. Já os participantes da festa que participam pela tradição e comércio contribuem para uma formação cultural e social. As festas que acontecem na cidade de Romaria, não só a de Reis, mas a de Nossa Senhora da Abadia, a em louvor a Padre Eustáquio, a congada e a de São Benedito, demonstram a identidade da cidade, implicando na aceitação do universo festivo na cidade de Romaria, que mistura uma população simples com a religiosidade e o profano.

Outra festa religiosa na cidade de Romaria é a em louvor a Nossa Senhora da Abadia, celebrada no dia 15 de agosto. Nestas datas a estrutura física da cidade é modificada, no intuito de receber o grande número de fieis, o comércio e a economia também são transformados. Isto contribuiu para que ocorram também modificações sociais, pois há um

aglomerado de pedintes que se alojam nas praças da cidade desde o início de agosto e só retornam a sua origem no final da festa. Tudo isto, contribui também para elevar a criminalidade e também problemas sociais, o que são acontecimentos marcantes para a população de Romaria.

As festas fazem parte de uma constituição histórica da cidade de Romaria. Em relação a Folias de Reis, os moradores e os primeiros grupos de foliões lutaram para que as festas e os encontros ocorressem a partir da década de 1970 no primeiro domingo de janeiro. Assim, as festividades e a religiosidade tornaram-se a identidade da população de Romaria: um universo carregado de símbolos, memórias e eventos próprios e particulares que fazem parte da história, lendas que são baseadas em fatos verdadeiros, os quais presenciei na minha infância. Atualmente é conhecida popularmente como a cidade da fé e devoção, pois os devotos, a partir de suas práticas religiosas, construíram suas marcas devocionais.

As histórias acerca da antiga Água Suja são marcadas por uma série de narrativas, sendo uma forma de reflexão sobre a realidade social e suas práticas festivas em torno da religião, que se manifesta de diferentes formas. Bordieu (1998) define religião como parte de uma estrutura, formada por sistemas simbólicos, de conhecimento de construção e comunicação, por isso a religião tem o poder de interação social.

CAPÍTULO 1

SIGNIFICADO HISTÓRICO DE FESTAS NO BRASIL

As festas religiosas ou profanas adquirem muita importância, uma dimensão cultural no sentido de colocar em cena valores simbólicos e tradicionais, sentido comercial ou religioso, ou ainda, um sentido turístico que é capaz de revigorar a economia local. As festas religiosas ou sagradas têm um valor existencial ao buscarem uma orientação espiritual. A construção desse sagrado é um trabalho humano que consegue consagrar um espaço físico.

O que separa o sagrado do profano é a distância dos dois mundos, sendo que o homem constrói o espaço sagrado à medida que reproduz as obras de deuses, um verdadeiro espetáculo conhecido pela sua tradição e popularidade (ELIADE, 2000). Em especial dedico a comentar sobre as festas religiosas na cidade de Romaria no Estado de Minas Gerais, que tem como objetivo manter a religiosidade dos fiéis, o comércio e a tradição. Percebemos, entretanto, nesse século XXI os excessos que separam o lícito do ilícito, certas mudanças nas organizações e estruturas da festa e as inovações no sentido de beneficiar os participantes.

Pierre (1976) conceitua festa como um momento de divertimento e uma forma de manter a tradição de acordo com cada esfericidade, assim essas chegam a invadir o vocabulário político, a vida social afetiva econômica. As sociedades que falam sobre as festas são aquelas encarregadas de manter uma memória coletiva numa intenção profética.

A história há muito tempo tem se preocupado mais com os trabalhos e os esforços e lutas dos homens do que com seus divertimentos, embora a festa seja um objeto de estudo da historiografia brasileira por ter a lembrança e a repetição do passado, ou seja, a festa traz uma memória e, por outro lado, suscita uma simulação do futuro.

Segundo Schwarz (2001) na obra “As Barbas do Imperador”, uma série de personagens lideravam as festas populares, onde os membros da realeza eram personagens frequentes, embora nem sempre fossem os principais, mas sendo uma forma de divulgar o poder político da realeza. Assim, por um momento suspendiam os conflitos existentes e congregavam autoridades de diferentes estratos sociais, tais como padres, senhores de escravos. As festas no século XIX alcançavam os cortejos e uma

grande popularidade, porque era uma forma de afirmação diária da realeza. Para Schwarcz (2001), as festas religiosas e populares continuam de forma corajosa a desafiar os progressos das novas festas, sendo que no período imperial, no século XIX, expressaram os pensamentos e ações das autoridades eclesiásticas católicas, nas festas religiosas populares no Brasil. Se, por um lado, essas se tornam legítimas, por outro entram em conflitos com as disputas políticas.

A Igreja, com o sistema de Padroado, conferia sua legitimação religiosa católica defendendo as festas religiosas e a religiosidade na população do Brasil Colonial e Imperial. Para a igreja católica do período, as festas religiosas serviam como florescimento do patriotismo, seguindo o exemplo das grandes nações. Caso não houvesse as festas religiosas e a religiosidade, os sentimentos patriotas seriam repelidos e a irreligiosidade dominaria as camadas sociais das elites e populares (SCHWARCZ, 2001).

Outro tema de grande importância para Schwarcz (2001) foi o jornal católico “O Apóstolo” que circulou no Rio de Janeiro de 1866 a 1901 e tinham a missão de ensinar a boa doutrina e divulgar o movimento religioso no mundo, particularmente no Império, sustentando a ordem pública, sendo que sua função era estritamente espiritual. Afirmando não ser uma folha local, defendia o interesse geral dos povos, convidando todos os católicos a contribuírem com a sustentação do jornal, órgão que ajudaria a manter as aspirações e ideias em relação às festas religiosas e a religiosidade na sociedade terrestre.

O Reitor do seminário São José foi o fundador e editor do jornal até a sua morte em 1883. Em seguida o bispo do Rio de Janeiro D. Lacerda dá continuidade ao trabalho, fazendo desse uma espécie de órgão oficial da diocese e tornando-o um dos maiores porta-vozes da política de romanização no Brasil.

A Romanização pode ser entendida, em termos gerais, como um movimento reformador da prática católica no século XIX. D. Lacerda, através do jornal, buscava retomar as determinações do Concílio de Trento, sacralizar os locais de culto, moralizar o Clero, reforçar a hierarquia da Igreja católica e diminuir o poder dos leigos nas irmandades, condenando o pensamento de grupos políticos opositores do catolicismo e as festas religiosas no Brasil Imperial. Segundo o Bispo, essa era à base da moralidade e o motivo do progresso e civilização. Schwarcz (2001) afirma que diante de tantos

acontecimentos o objetivo era reforçar a estrutura hierárquica no Brasil, diminuindo o poder dos leigos.

A partir dessas novas ideias editadas no jornal a pressão por parte da população por reformas liberais e sociais só tendeu a aumentar, e a posição da igreja católica Imperial foi questionada em vários aspectos pelos modernos reformadores.

Nessa mesma época chegavam muitos missionários protestantes no Brasil, se tornando verdadeiros focos a favor do Liberalismo e Republicanismo. Os maçons assumiram a luta a favor da liberdade dos cultos religiosos. Diante da modernidade e dos grupos que questionavam o catolicismo, o sistema de padroado continuava a impor as práticas religiosas entre a população, principalmente através das Irmandades religiosas, que demonstravam as práticas religiosas através das músicas e peças teatrais e festas.

O Diário do Rio de Janeiro era outro periódico que, por sua vez, ainda testemunhava no início da década de 1870 a força do catolicismo tradicional, embora publicasse comunicados criticando o monopólio clerical e elogiando a atuação social da maçonaria. As festas religiosas populares e as procissões continuavam corajosamente a desafiar os progressos dos novos tempos, sendo que as Irmandades Religiosas e festeiras procuravam comemorar a festa do Divino Espírito Santo, assumindo a continuidade das tradições das comemorações que, pela longa história daquela prática católica herdada dos tempos coloniais, precisavam ser transmitidas para as gerações presentes. Incluem-se aqui as Festas da Realeza que eram comemoradas nos grandes palácios, sendo que nesse período alguns Monarcas lideravam festas populares, chegando a criar festas próprias como uma forma de divulgar o império brasileiro. Quando não comparecimento a uma festa por parte dos monarcas era carregado seu retrato, como forma de manter a tradição da presença de toda a realeza nas festividades.

Os monarcas entendiam que seus dias de feriados e festivos estavam subordinados aos demais dias não festivos. Schwarz (2001) afirma que a presença de toda a realeza nas festas populares era uma forma de manter a tradição hierárquica no Brasil imperial. Num país escravocrata, fortemente hierarquizado, as festas dos brancos, na maioria das vezes, ocorriam no interior dos palácios, cenário ideal para teatros, bailes e saraus, ao passo que as festas dos negros se realizavam nas ruas das cidades e senzalas das fazendas.

No período colonial, tanto no Brasil como em Portugal, os monarcas tinham por obrigação dar festas em ocasiões especiais, tais como casamentos, nascimentos e chegadas e partidas de embaixadores ou outros visitantes. Muitos ritos eram regulares e predominantemente profanos e ocorriam junto às festas litúrgicas. Era o caso do Natal, da Páscoa e Corpus Christi. Além do componente religioso, essas garantiam o prolongamento do poder real no espaço público e divertimentos e pompas de vestes, já que a Corte era uma espécie de centro de difusor de modas. No espaço das festas também se trocavam experiências, já que eram grandiosas e memoráveis, no sentido de fazer guardar na memória daquele momento vivido. As festas no Império eram marcadas por dias especiais que lembram fatos e personagens santos. Os viajantes que passavam pelo Brasil conheciam-no como sendo o país das festas e de grandes cortejos ao rei D. Pedro. Embora fossem frequentes as festas religiosas e populares não religiosas, existiam impasses do catolicismo nesse final do século XIX. Se até o momento foi possível identificar os aliados da tradição católica, vale reconhecer as evidentes divisões e polêmicas entre eles, a Igreja Romana e as demais.

Levando em conta o contexto histórico do Brasil Imperial, discorreremos a seguir sobre o conceito de festas, de Folias de Reis no Brasil em especial na cidade de Romaria, no Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais.

Festas, segundo Brandão (2010), podem ser consideradas um ritual ou uma configuração de rituais, cujos acontecimentos se opõem à rotina, e os ritos e mitos têm algo a ver com a expressão do Sagrado, seja ele religioso ou não. Como exemplo o autor cita as festas de Folias de Santos Reis, que deixaram de ser um drama litúrgico, de pedagogia catequética e passando a ser um auto sem drama e uma réplica popular de acontecimentos sobre o evangelho. A Folia de Reis tem origem Portuguesa profana. Foi muito difundida nos séculos XVI e XVII. Mais tarde, as Folias foram purificadas de seus “excessos”, penetraram nos salões e, tal como as mazurcas mais ao norte da Europa, tornaram-se também danças de nobres. Os foliões chegaram ao Brasil por meio do trabalho catequético dos missionários Jesuítas que desde cedo compreenderam a utilidade de incorporarem os dramas, contos, danças no ensino e nos rituais de catequese dos indígenas. Os Jesuítas acreditavam que era preciso catequizar os índios e tinham muita fé na religião católica.

Das aldeias para fora delas, cortejos migraram para as festas de povoados e cidades, invadindo as igrejas durante os festejos de cada época. A igreja romanizada

dos fins do século XIX lutou para varrer dos templos e das procissões a tradição católica Ibérica e colonizadora, e para representar a religião através da memória dramatizada. As Folias de Reis tenderam a se reorganizar através de pequenos encontros de participantes, fazendo desses encontros um ritual de saírem a pedir esmolas em nome dos três Reis Santos, pagar promessas e trocas de bens e serviços. Assim, migrou-se de um sistema religioso hierarquizado e erudito para um sistema comunitário e popular de devoção católica (BRANDÃO, 2010).

Brandão (2010) as Folias de Reis faziam parte das comemorações do ciclo natalino e dramatizações da catequese que os padres Jesuítas trouxeram para o Brasil com o intuito de expandir o catolicismo aos índios e negros. A “Folia” tornou-se uma das expressões mais difundidas do catolicismo popular brasileiro, se espalhando até os dias de hoje. Ainda no período da colonização, manifestações culturais eram realizadas em toda a Península Ibérica na qual era comum doação de mantimentos ou dinheiro a partir de versos cantados e danças nas residências celebrando “Os Três Reis Magos”.

A festa é feita em função de uma promessa ou para recebimento de uma graça ou agradecimento da mesma. Há uma relação entre os participantes e os seres divinos, entre os quais é proposto um triângulo de fé inspirado em reciprocidade onde promessas transformam-se em bênçãos, proteção e recompensas para aqueles que determinadamente cumprem promessas com os Reis. Um aspecto curioso nessas histórias é que os Reis Magos se santificam no imaginário popular e não pelos milagres realizados, como a maioria dos Santos, mas fundamentalmente pela caminhada que fizeram guiados pela estrela do Oriente até Belém, onde havia nascido o menino Deus. Por isso, a Folia De Reis pode ser entendida como uma prática religiosa e santificada, já que seu giro reproduz simbolicamente a viagem dos santos cultuados.

Brandão (2010) caracterizou as Folias de Reis como um grupo de cantores e instrumentistas, seguidos de acompanhantes e viagens e rituais entre casas de moradores. Esse traço precatório da Folia se explica em suas jornadas de casa em casa quando o grupo de Foliões pede dinheiro e comida aos devotos para realizar as Festas em louvor aos Três Reis Magos. Segundo este o ritual dos Foliões antes era feito apenas na zona rural, mas se difundiu e atualmente com o processo de urbanização nas últimas cinco décadas, muitos Foliões das Festas de Reis acompanharam a migração rural e se deslocaram para a cidade, principalmente nas periferias. O ritual dos Foliões e a aceitação dos devotos favoreceu a socialização, pois ambos se esforçavam para

reproduzirem as Festas, gerando um vínculo duradouro de sociabilidade, criando e recriando personagens sociais e acrescentando novas posições de status e prestígios. Tal festa se constituiu como uma tradição popular de caráter profano-religioso em defesa de uma cultura e costume.

Moura (2013), as festas populares deste caráter apresentam componentes religiosos, como as danças, levantamento de mastro, distribuição de comidas doces, barraquinha, entre outras. E as Folias de reis apregoam o nascimento do menino Deus, já que teoricamente dirige-se a Belém para adorar o filho de Deus, tendo os soldados de Herodes para tentar desviar o caminho apontado para a estrela do Oriente. Dependendo da região a Folia passa o tempo de sua jornada pelas estradas, cantando e folgando em casas de amigos, em constantes peregrinações. O significado dos passos também pode sofrer variações dependendo da região.

Para Damasceno (1997) uma Folia de Reis não sai ao acaso. Movimenta-se sempre com um objetivo determinado, tendo como pontos de referências as pousadas e as casas que irão visitar. Toda Folia precisa munir-se de licença policial para sair às ruas. As visitas acontecem nas casas de famílias e na zona rural. Muitas vezes, os Foliões referem-se a si mesmos como penitentes, pois acreditam que com a participação na Folia, além de pagar a promessa, serão atraídos por bênçãos do céu e se livrarão de moléstias e tentações diabólicas. Depois do cumprimento de sete anos, estão desobrigados com a Folia, a menos que façam uma nova promessa.

A Folia entoia cânticos que se referem ao nascimento de Cristo e à visita dos três Reis Magos (Gaspar, Baltazar e Belchior) a Ele enquanto ainda era bebe, sendo que o tom bíblico dos cânticos acentua-se mais ou menos dependendo do conhecimento do mestre. Os cânticos são de duas espécies, as saudações (louvores) e as profecias, ou seja, os cânticos para saudar a natividade.

1.1 A jornada de uma folia

Brandão (2010) relata os passos seguidos de uma Folia de Reis e a função de cada componente, a qual repete a peregrinação dos Três Reis para encontrar o menino Jesus. Para o autor, a Folia, que repete a peregrinação, é fundamentada no versículo da Bíblia, do livro de São Mateus, quando os Três Reis procuram o menino judeu que nasceu em

Belém, justificando que viram sua estrela no oriente e foram adorá-lo. De acordo com a Igreja Católica Apostólica Romana é na véspera de Natal que se comemora o nascimento de Jesus, e justamente nesse momento que o mestre de Folias se reúne para as últimas recomendações de um bom comportamento com todos os companheiros. Eles rezam fervorosamente pelo bom êxito da jornada que se inicia desde próximo ao Natal até o dia 6 de Janeiro, que é o dia que se comemora o dia de Santos Reis, e a entrega da Folia de Reis é comemorado com uma grande Festa. Ocasionalmente essa jornada ocorre em toda a região.

Todas as vezes que as Folias se recolhem para descanso ou para fazerem suas refeições, fazem ao menos o sinal da cruz e batem a mão no peito como forma de agradecimento, ante o oratório ou o presépio. Depois de toda a peregrinação da Folia acontece o encerramento da Folia naquele ano. A Festa, ou seja, o encerramento da Folia tem data marcada pelo mestre. Os Foliões vão uniformizados e os palhaços vestidos a caráter, esses com participação optativa de acordo com a exigência do mestre. Lá acontecem muitas danças e cantorias regadas à comida, no momento da entrega da Bandeira, em agradecimento ao dono da casa e muitas rezas.

Os figurantes de uma Folia de Reis podem variar de acordo com a regionalidade ou opção, porém geralmente são os foliões e palhaços. Esses últimos são dançarinos cômicos, ficam em segundo plano em relação aos Foliões. Na Folia representam os Soldados de Herodes, que queriam matar o menino Jesus ao nascer. Ele é um personagem sem limites e possuem uma representação ambígua, fazendo crianças sorrirem e chorarem, mas ao mesmo tempo arrecadam donativos para as festas em louvor a Santos Reis².

Culturalmente, a perseguição que há na representação ocorre porque estes personagens têm parte com o mal. O palhaço não pode passar na frente, permanecer ao lado da Bandeira nem tocá-la, ele é o guardião da bandeira ele é a autoridade da folia vão olhar tudo e não deixa ninguém invadir, além disso, ele só pode cantar nos intervalos dos versos dos Foliões e é nesse momento que ele pode se comunicar; essa é a atitude do palhaço quando ele está em marcha. À noite eles têm de postar junto à Bandeira como forma de protegê-la. No momento que os Foliões estão em visitas nas casas o palhaço deve permanecer na rua divertindo as crianças, ele deve dançar só ao ar

² BONESSO, Márcio. **Encontro das bandeiras:** as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro. Uberlândia. EDUFU, 2012, p.31-33.

livre. O palhaço, como os demais componentes da Folia, estão sujeitos às ordens e disciplinas impostas pelo mestre (BONESSO, 2012).

Os Foliões são os cantores e músicos de uma Folia de Reis. Esses estão sempre uniformizados e marcham a passo descansado em formação militar. Eles variam de figurantes de acordo com a região. Os principais instrumentos da Folia são: viola cavaquinho, triângulo e pandeiro, além disso, o bumbo, chocalho e outros são opcionais. O mestre se diferencia entre os Foliões com uma pequena particularidade no traje, além disso, é o responsável pela organização da jornada da Folia, por todos os instrumentos, pela parte financeira de uma Folia de Reis e da saída e entrega dessa (BONESSO, 2012).

De acordo com Brandão (2010) toda Folia tem a sua Bandeira, obrigatoriamente, pois ela é a identificação da Folia e o símbolo da jornada dos três Reis Magos a Belém. Ela é enfeitada por fitas de papel de seda, rosas artificiais, pinturas ou bordados e vai à frente, ladeada pelo Mestre e contramestre, carregada por um folião que se chama Alferes, Bandeirista ou Bandeiro. A Bandeira é a primeira a entrar na casa e a receber a homenagem, os devotos fixam dinheiro nela, em forma de agradecimento, depois os Foliões agradecem cantando para o dono da casa.

O Fundamento da Folia de Reis é narrado por alguns Foliões, que são reconhecidos como notáveis conhecedores dos “Fundamentos”. São aqueles a quem os outros Foliões remetem quando querem saber algo em relação à Folia de Reis. Esses são conhecidos como narradores e interpretes de mitos e casos dos assuntos populares, principalmente das festas populares católicas. São Mestres Foliões considerados uma soma de compositor, artista e teólogo. Esse Fundamento se resume na história dos três enviados de Deus pai, ou seja, os Três Reis Magos Santos: Baltazar que é da Babilônia, Belchior que é Africano e Gaspar do Egito. Esses eram os escolhidos de Deus para visitarem o menino Deus quando nascer. Todos os anos aconteciam no Oriente uma Conferência de homens, onde os três escolhidos se conheceram. Passava por perto José e Maria, que estava grávida e procurava um local para se ocultar, pois fugiam de Herodes, que naquela época queria matar todas as crianças menores de dois anos a mandado do Rei. Os três Reis conheceram a semelhança em Maria e José, já sabiam que esse era o casal que iriam visitar quando a criança nascesse, pois foram enviados por Deus para essa função, então os três Reis pediram que lhe enviassem um sinal para que fosse visitá-los quando o menino nascesse (BRANDÃO, 2010).

O Fundamento da Folia de Reis é considerado um repertório de relatos bíblicos, mitos e lendas derivadas de crenças religiosas do catolicismo popular. Ao narrar a viagem dos Três Reis, mestre Messias dá vida ao empobrecimento do relato evangélico. Um grande valor do Fundamento é que ele se baseia no que é dito no canto e na oração, para que palavras, frases, versos longos e sequências do ponto de vista social produzam trocas entre as pessoas. Também faz saudações e, do ponto de vista religioso, faz milagres, atrai bênçãos divinas, para isso é necessário que estejam todos os fatos dentro da doutrina religiosa. Variando de região para região, os mestres da Folia de Reis preferem ao invés de chamar de Folia de Reis chamar de Terno ou Companhia de Santos Reis, porque de algum modo a Folia foi folia no passado e após um tempo oscilou entre dança profana e o rito sagrado, entre a praça e a nave das igrejas e os caminhos da roça do sertão (BRANDÃO, 2010).

Uma Companhia de Santos Reis é ao mesmo tempo uma sociedade de devotos hierarquizados de acordo com posições tradicionais reagidas por princípios de poder e uma equipe de artistas populares (cantores, instrumentistas e atores). Pode haver uma variação de inúmeros atores e em outros um mínimo de pessoas ou variações de rituais. A Folia, geralmente, é uma manifestação realizada através de promessas e pagamentos realizados aos Santos Reis, devido a uma graça recebida. Assim, de Goiás a São Paulo, quando uma pessoa faz uma promessa aos Três Reis Santos, deve cumpri-la, organizando uma festa de Santos Reis, oferecendo pouso aos Foliões, dando esmolas em dinheiro ou prendas de leilão e mandando rezar um terço em sua casa por ocasião da passagem da Folia. Meninos de menos de dez anos giram dias a fio com as cores do Divino pregados no bolso da camisa. São Foliões, mas por serem ainda crianças pequenas não cantam, apenas entoam um som de grito como fazem os demais foliões na cantoria. Desde pequeno os pais levam os filhos para aprenderem o ofício, já as mulheres, esposas dos Foliões, têm a função de ficar em casa para preparar as comidas para os Foliões, enfeitar a casa com flores e quando a Folia chega recebê-la e sair com a Bandeira por toda a casa com o objetivo de abençoar a casa e a família. A mãe tem outra função muito importante, a de ensinar as meninas a rezar o terço e a adorar os três Reis Santos (BRANDÃO, 2010).

Uma Folia de Reis varia de acordo com cada região, citarei exemplo da cidade de Romaria Minas Gerais, os festeiros percorrem na zona rural e urbano afim da cantoria e donativos, no dia da festa há alimentos em abundância, que é oferecido aos festeiros

sem nenhum custo. Mas o que não é permitido são os excessos de bebidas. No caso de Romaria possui característica muito singular a folia sai pela rua cantando e quando alguém se predispõe, abre o portão e convida para adentrar na residência, há pessoas que se agarram e ajoelha e choram de emoção junto á bandeira (BRASILEIRO, 2010).

Ao Sul do país as Folias são compostas por menos violas e mais sanfonas, e ao Norte, em direção à Bahia, mais caixas, triângulos e flautas. Todos os anos em vários lugares do país repetem-se um festejo da Folia de Reis, incorporando crenças e devoções, muitas festanças e atos coletivos de diferentes origens. Uma dança inicialmente popular e profana associou-se a autos dramáticos e também populares. A dança passou pelo salão dos nobres, nas naves das igrejas medievais, fez parte do repertório catequético e ganhou espaços em todo o país. Vista com maus olhos pelos Bispos Renovadores do período Romanizado do catolicismo Brasileiro, a festa de Folia de Reis aos poucos foi sendo expulsa do interior dos templos das procissões para a periferia pobre das cidades, e daí para as estradas e terreiros do mundo rural. No meio rural, é criada a companhia de camponeses que sai pelas fazendas em nome dos Três Reis Santos, pedindo esmolas para a Festa de Reis. O grupo é incorporado de um belo trabalho religioso com uma organização interna que chega a ser complexa, uma distribuição de trabalhos que atribui a cada devoto Folião uma posição hierárquica e um lugar próprio no ofício de “Foliar”. Cada Folião obedece ao seu posto, havendo diversas vozes e desempenhos (BRANDÃO, 2010).

A jornada dos Foliões nas estradas rurais é entendida como um longo rito em que imita a viagem dos Três Reis Santos, sendo ao mesmo tempo uma confraria ambulante de devotos hierarquizados e uma equipe de artistas populares. As Folias rurais são ritos mais próximos de romaria do que de procissão. A Folia é uma forma de estabelecer a socialização dos camponeses e estabelecer relações de amizades entre famílias e vizinhos. O rito religioso cria afetividade, entre pais, irmãos, compadres e a outros parentes, todos participam das Festas e aprendem ali as crenças que sustentam as normas que codificam a vida camponesa, oscilando entre orações e festanças; também se trata de respeito e afeição, essa festa coletiva ensina quem são as pessoas e como elas devem se portar perante as outras. A cada ano a tradição da Festa de Folia de Reis é renovada e os conhecimentos dos Foliões são consagrados como um valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado, um saber socialmente consagrado (BRANDÃO, 2010).

Acredito que as festas têm grande importância, como educar, descontrair, sair da rotina, socializar, entre outras. Nas festas, religiosas ou não, as lendas, os cânticos e as tradições são formas para que uma população sem o conhecimento da escrita de escreva suas memórias, porque as festas reproduzem de formas simplificada a sociedade que a produziu.

1.2 Festas: a celebração da fé ou do profano

Quem participa das Festas naqueles dias festivos deixa de ser quem é, pelo menos nos momentos³ das festas, lavradores, artesãos, operários de fábricas, pescadores e trabalhadores em geral se transformam em Reis, assim acontece com outras festas como Carnaval, Congo, entre outras. As Festas são um emaranhado de acontecimentos, cuja virtude é procurar fugir sempre de todos os modos das regras do cotidiano, ou seja, muitas vezes as festas servem para fugir da difícil realidade diária. Não se sabe nesse momento onde está o sagrado e o profano, mas com a certeza da solenidade coletiviza nos períodos de festas. Difícil captar o sentido dessa dimensão cultural ou religiosa que coloca mitos, máscaras e fantasias e a própria fé, tanto no corpo e na alma dos envolvidos, quanto no rosto e no conceito popular. É importante reunir um mesmo conceito dentro de uma mesma região cultural, experiências simbólicas, coletivas, cujas razões e significados que talvez sejam, para seus participantes, tão diferentes. A festa se opõe à rotina do trabalho diário. A crença Religiosa e o ritual profano confrontam-se através dos devotos dos Três Reis e não devotos nas Festas, para os devotos a fé é a expressão autêntica, uma relação significativa de valores. A fé conserva a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta e organiza sua conduta.

Acredito que muitas festas do período colonial ao final do século XX foram tragadas pelo tempo e desaparecendo. Outra característica das festas é que elas, ao mesmo tempo em que unificam, diferenciam os participantes pelos diversos acontecimentos nos dias festivos, tais como comerciantes, fotógrafos, pessoas que vão às festas pela tradição, entre outros. Nas organizações das festas, sobretudo as religiosas, se encontram grupos disputando hierarquias e os primeiros lugares. Além

3 Nos dias festivos em Romaria é possível perceber um mesclado de interesses: comercial, religioso, cultural e social, isto devido aos pedintes de esmolas que se aglomeram na cidade.

disso, as festas religiosas ou populares devem ser preparadas, custeadas, organizadas segundo cada comunidade, essas são carregadas de ritos tradições e formalidades, comportamentos e símbolos, valores e crenças, se tratando da representação de grande importância social ou religiosa na vida coletiva. Cito como exemplo práticas de algumas Folias de Reis no Triângulo Mineiro.

O poder público compreende algumas manifestações das Festas Religiosas, como a Folia de Reis, como sendo uma manifestação cultural ou folclórica. Em muitas cidades, há participação deste, através de parcerias e doações, para que as Festas de Reis aconteça. No Triângulo Mineiro desde os anos 1970 as Festas de Reis vem se configurando por meio de encontros regionais das Folias de Reis, realizando grandes Festas e ampliando espaços, devido às distâncias percorridas de Bairro em Bairro, fazendas e cidades vizinhas. A sociabilidade foi substituída por desafios e disputas entre as cidades para saber quem conhece mais as profecias. Destaco que A Folia de Reis na atualidade é vista como uma Festa católica e tradicional e reconhecida pelo Poder Público como Festa Folclórica.

Bonesso (2012) as Folias de Reis no Triângulo Mineiro têm como objetivo descrever as diversidades de rituais das festas populares, a sociabilidade entre os participantes e os encontros das Folias Reis no Triângulo Mineiro. Embora a Folia de Reis seja uma festa oriunda do campo, atualmente não se passam apenas nas áreas rurais. Com o processo de urbanização as folias acompanharam a grande migração rural se deslocando para a cidade e formando grupos que transitavam principalmente nas periferias. Na maior parte do Triângulo Mineiro as hierarquias e as funções dos participantes nas folias são definidas com base nas posições ocupadas nos rituais.

Bonesso (2012) descreveu a função do alferes, do palhaço, dos músicos e das músicas. Alferes é o folião que segue à frente da folia e carrega a bandeira, acredita-se que ele seja o símbolo da comunicação entre o folião e o devoto. Em grande parte das Folias de Reis os foliões e acompanhantes não podem ultrapassá-lo e nem andar à frente desse, pois segundo a tradição na Bandeira está o menino Deus, que vai na frente, e os demais acompanhantes vão seguindo-o. Mesmo quando as folias cumprem a jornada utilizando automóveis os Alferes ficam na frente.

Outra figura de destaque são os palhaços, personagens polêmicos, sendo permitidos em algumas folias e em outras não, de acordo com a permissão do capitão, e possuem várias funções. Na zona rural os palhaços têm a função de espantar cachorros e

bois e identificar as casas onde as folias são esperadas. No Triângulo Mineiro o palhaço é uma figura ambígua, pois há quem o idolatra como uma figura engraçada e outros que sentem aversão à presença desses nas Folias de Reis.

Segundo Bonesso (2012), as músicas e os músicos são de fundamental importância na composição de uma Folia de Reis. Essas são duas relações que envolvem os foliões e revelam às pessoas como essas devem se comportar e agir nos rituais ao longo das jornadas e perante a bandeira. O capitão anuncia uma narrativa reforçada pelas respostas dos demais foliões, que têm a função de repetir os versos. Toda narrativa musical é traduzida pelos Alferes para parte do público que não conhece muito bem a linguagem e o processo ritual de uma Folia de Reis. No Triângulo Mineiro, os foliões cantores e instrumentistas executam as músicas com vários instrumentos e sistemas de corais complexos. Alguns foliões cantores não se consideram músicos “cantam só por religião”, já outros cantam e tocam em diferentes espaços sociais, chegando a exercer a profissão de cantor.

No Triângulo Mineiro, verifica-se que as folias geralmente usam instrumentos como viola, violão, cavaquinho, pandeiro, caixa e acordeão. A estrutura vocal é complexa, são utilizadas sete vozes, o ruído ordenado, junto ao silêncio em frequências regulares para criar os sons, podendo variar de acordo com cada Folia de Reis. As primeiras vozes partem da música popular brasileira, principalmente a música caipira e sertaneja. As últimas vozes, aqueles “gritos finos graves”, são chamados de requintes.

As Folias de Reis devem ser compreendidas em um circuito dos Santos Reis e os foliões de reis devem ser compreendidos em um circuito de trocas. Muitos devotos de Santos Reis acreditam que as mediações dos foliões são importantes para quem acredita. As cerimônias religiosas constituem espaços onde as relações entre as pessoas adquire um modo especial. Um dos grandes objetivos dos Foliões é manter os rituais é de manter a tradição e nunca perder a fé nos três reis santos.

Bonesso (2012) destaca que atualmente a festa de Reis tem pouco interesse para as crianças e jovens, situação preocupante, pois pode levar à perda da tradição do ritual num futuro bem próximo. Ele alega que parte das novas gerações não se identifica com as festas e que a participação infantil e juvenil diminuiu porque as famílias não ensinam aos filhos e netos uma educação religiosa. Além dessa questão, o autor destaca que ao traçar um perfil dos foliões da região do Triângulo Mineiro, percebe-se que a maioria dos participantes são homens, idosos, sem ou com pouco estudo e pobres. Em relação às

mulheres, que antes ficavam só nos bastidores, com funções como cozinhar, rezar o terço, entre outras atividades domésticas, começam a ocupar cargos dentro das folias, sendo alferes, entre outras funções.

Ainda em relação às festas de Folias de Reis no Triângulo Mineiro e suas especialidades do período da década de 1970 a 1980, estas se mantêm ao longo do tempo e estão constantemente reinventadas de acordo com as demandas sociais dos grupos que interagem nas festas. Por exemplo, a formação dos Encontros das foliãs e a urbanização das festas, já que inicialmente as folias aconteciam no meio rural. Além disso, as festas, que inicialmente eram de responsabilidade do campo religioso, nas últimas décadas o poder público passou a compreender como manifestação cultural, chegando a produzir por iniciativa própria eventos ou participarem como parceiras.

Desde o fim da década de 1970, na região do Triângulo Mineiro as festas de Santos Reis se configuraram com encontros que ocorrem num âmbito familiar e comunitário e mantêm em seu núcleo os princípios: troca, relação de dádivas, sociabilidades e generosidades. Na década de 1980 surgiu outro aspecto muito importante nas Festas de Santos Reis que é as formações das associações, como exemplo algumas cidades da região do Triângulo Mineiro, entre estas a cidade de Uberlândia, onde foi criada a Associação das Folias de Reis foi criada no ano de 1985, com o objetivo de preservar a tradição e os valores culturais do município, inicialmente com a existência de cerca de quarenta grupos de folias. Os cargos nas associações são semelhantes a demais cargos de qualquer associação: Presidente, vice, secretários, etc. A sede, no ano do surgimento da Associação em Uberlândia, não possuía subvenções da prefeitura, porém fez inúmeras reformas na capela de Santos Reis, atual sede da associação das folias, colocou cerâmica no piso e construiu um fogão a lenha fora do espaço do barracão, reformas realizadas graças aos recursos obtidos dos encontros dos foliões e ajudas da comunidade.

Segundo Bonesso (2012) era visível, na década de 1970 a 1980, as dificuldades das associações na maioria das cidades onde aconteciam os encontros, de continuar com esses, devido a diversos fatores, principalmente questões financeiras, mesmo que em algumas cidades tivessem total apoio da prefeitura. A Festa de Folia de Reis é uma festa histórica, reconhecida inicialmente apenas pela igreja católica e depois pelo poder público, que as reconhece culturalmente, isto em algumas localidades da região do Triângulo Mineiro. Conforme Bonesso (2012), que cita como exemplo a cidade de

Romaria no Triângulo Mineiro, considerada pelos organizadores dos encontros das folias como sendo o “centro irradiador” da configuração de festas o modelo para as demais cidades da região, os foliões defendem os encontros que lá acontecem como sendo o maior e mais antigo. Foi de lá que surgiu a influência e a criação e outros encontros de folias de reis, sendo que na atualidade o número de participantes e o número de folias presentes nos encontros vêm aumentando significativamente. Descreverei mais detalhadamente no segundo capítulo sobre as festas e os encontros das folias na cidade de Romaria.

1.3 A formação histórica da cidade de Romaria

Damasceno (1997) em “Do diamante ao milagre da fé”, afirma que, segundo uma lenda, na época da guerra do Paraguai em 1867, um certo garimpeiro chamado de Sebastião da Silva, não querendo ir à guerra, aventurou-se a sair pelo sertão mineiro. Um dia, exausto de caminhar, sentou-se às margens de um córrego, onde corriam águas claras e tranquilas, ali Sebastião pensava na família que havia deixado para traz, analisava sua vida e, como um milagre, descobriu que havia muitos diamantes. Com a descoberta do diamante no local, logo se formou por ali uma povoação, e logo aquele córrego que era de águas limpas se transformou em águas barrentas dando origem ao nome de Água Suja. A origem do nome de Romaria se deu devido à queda das Minas na antiga Água Suja, que se deu com a expansão agropecuária, posteriormente houve a crescente vinda dos Romeiros e outras festas que foram se acoplando.

No ano de 1870, o povoado de Água Suja já era conhecido pelos grandes centros europeus pela sua fertilidade de minas de diamantes, foi como um centro de convergências de capitais estrangeiros, escolhido com preferência a outra qualquer cidade do estado de Minas Gerais para receber exploração de suas minas de diamante.

Água Suja e ainda hoje Romaria é uma cidade voltada para a fé. No ano de 1900 Nossa Senhora da Abadia de Água Suja, nome apelidado devido ao fervor a imagem de nossa Senhora, a pequena localização de Água Suja era distrito de Monte Carmelo. Diante da crescente visita dos Romeiros aconteceu à emancipação política e religiosa, assim no ano de 1938 o povoado de Água Suja recebeu o nome de Vila de Romaria. A partir desse momento, passa a ser uma cidade dita religiosa com uma população de romeiros visitantes a cidade, que iam a pé, a cavalo ou com carros de boi em busca de

uma benção da imagem de Nossa Senhora da Abadia ou pagar promessas de graças recebidas. No ano de 1920, Água Suja já era dotada de um grande povoamento. Em 1925, vindo da Holanda assumiu a paróquia o padre Eustáquio Vam Lies Holt, que permaneceu na cidade por 10 anos, até o ano de 1991 quando a Diocese de Uberaba começa a administrar a paróquia de Nossa Senhora da Abadia. A imagem é feita de madeira castanheira e foi trazida de Portugal pelo Sr. Custódio da Costa Guimarães, através de solicitação dos primeiros garimpeiros de Água Suja em 1870, a primeira peregrinação dos romeiros se deu nesse mesmo ano com setenta pessoas.

No dia 30 de dezembro de 1962 pelo decreto da Lei 2764, a Vila de Romaria foi emancipada para cidade de Romaria, conforme uma reunião acontecia no salão do colégio D. Eduardo com líderes políticos, padre Eustáquio Guimarães que estava na paróquia na ocasião e o Sr. Tancredo Neves como atendente do município.

Sobre a religiosidade da população de Romaria e as Festas e os encontros da Folia de Reis que lá acontecem, a que Romeiros que não buscam explicações para a fé e não se alimentam de ilusões, grande é a sua confiança e coragem de andar, viajar e buscar sempre alimentar a fé, fé que não se alimenta de dúvidas e assim vencem os obstáculos, acreditam e seguem em frente se alimentando da certeza, alegre, simples, confiante, em algo que não é apenas sonho, mas presença viva, pois são frutos que vêm da fé.

Entendo que festas no mundo moderno tornaram-se práticas ambíguas, sendo religiosas ou profanas, e criam um espaço essencial para fortalecer as relações sociais, sendo que suas modalidades têm sempre um caráter participativo, seja comercial, profissional, religioso ou mesmo só pelo lazer. O importante é a participação coletiva e o conjunto dessas modalidades se resume numa cultura popular.

Segundo Burke (1989) a cultura popular é tradicional e independente é um campo para mudanças e disputa, longe das práticas uniformes e homogêneas; é uma arena de disputas e carregadas de valores e significados compartilhados e formas simbólicas, um concerto com práticas ambíguas, sendo uma cultura oficial perante a elite, motivo pelo qual é necessário analisar ou decompor a sociedade em classes, para então entender o que é cultura popular.

Na visão de Abreu (2000) foi a partir de 1940 a 1950 que a cultura popular assumiu uma perspectiva com disputas teóricas. O conceito está vinculado a vivências e experiências dos lugares onde ocorrem as festas, com o objetivo de inserir as práticas sociais que possui confrontos, prestígios e rivalidades. As festas são construções

simbólicas, envolvem disputas e pluralidades, os sujeitos participantes, fazem do local das festas lugares de extrapolar a racionalidade, festejar, celebrar suas ações sendo capazes de unir os participantes da festa, criando uma identidade local. A união do sagrado e do profano numa festa dita religiosa é o que dá sentido á uma comunidade.

Souza (2003) define festas como sendo um ritual, com vários objetivos: diversão, religioso e comercial. Gerando vínculos sociais, as festas católicas estão ligadas às celebrações cristãs, sendo que essa mistura do sagrado e profano se caracteriza pelo seu caráter híbrido, com a participação de pessoas do local e região. Se tratando das Festas de Reis na cidade de Romaria, os romeiros vão até a cidade com vários objetivos, do lazer ao pagamento de promessas. O autor descreve o romeiro como aquele que busca a cidade ideal no mundo do sagrado, o que confere a sua caminhada e a busca pela purificação da alma, o que permite o sofrimento.

Diante das perspectivas apresentadas, é possível argumentar que a noção de peregrinação incorporada no discurso religioso, segue em direção à busca do sagrado. Os romeiros por um momento imitam o sofrimento de Cristo, devido aos sacrifícios oferecidos, que purificam as impurezas da alma. Além disso, pedem graça e milagres a Santos Reis, através de promessas dos devotos a serem pagas não possuem um perfil único, elas são firmadas como um acordo entre o devoto e o santo de sua crença.

CAPÍTULO 2

AS FESTAS EM ROMARIA

A origem da cidade de Romaria se faz em torno da descoberta dos diamantes e o auge desses, chegando até o conhecimento dos centros europeus⁴. Os dados estatísticos e informações foram cedidos pela prefeitura de Romaria, antiga Água Suja, sendo que o nome da cidade atual é em homenagem às grandes romarias que chegavam primeiro com o objetivo de enriquecer com as minas e depois pela religiosidade, mudando o nome de Água Suja para Romaria em 17 de dezembro de 1938 (DAMASCENO, 1997).

De acordo com Damasceno (1997) e Sousa (1997), atualmente, fora de períodos de festas em Romaria, os moradores se ocupam do trabalho na agricultura do café, soja, milho, arroz, feijão e na pecuária e do leite de corte, sobressaindo essas atividades no período da safra. Alguns ainda se beneficiam do comércio local, composto por pequenas lojas, bares, panificadoras, farmácias, pequenos restaurantes, hotel e agência bancários⁵. Embora ainda exista um pequeno número de garimpeiros que executam o trabalho manual de lavagem do terreno e cascalho, essa atividade não é mais exercida profissionalmente. A economia gira em torno, principalmente, do forte comércio das festas religiosas e o turismo, sendo que o movimento de pessoas na cidade, por causa principalmente da existência do santuário, parece ter emergido o despertar da função turística, onde se destaca o turismo religioso.

As características do comércio em torno dessa são o atrativo para todas as classes sociais econômicas, embora haja uma característica comum em todas as cidades religiosas ligadas ao cristianismo; essas se tornam, em determinadas épocas do ano ou até mesmo durante todo o ano, um lugar de convergência de peregrinos que buscam, dentre outras coisas, a paz interior ou espiritual o que dá a oportunidade de um grande número de atividades e relações pessoais nestes lugares de peregrinações (SOUSA, 1997).

⁴ SOUSA, Geovane da Silva. **Conhecendo Romaria**. Araguari: Minas Editora, 1997, p. 31.

⁵ DAMASCENO, Maria das Dores. **Do diamante ao milagre da fé**. Romaria - Ex-Água Suja, Uberaba: Vitória, 1997, p.25.

Diante disso, é possível afirmar que a população da cidade de Romaria volta-se para a fé.⁶ Em janeiro, no segundo domingo, acontece o encontro das Folias de Reis, um grande número de pessoas se reúne para as festividades. Já no segundo domingo de maio acontece o encontro dos congados, onde centenas de grupos de congos se reúnem na praça do santuário numa alegria imensa de poder louvar a N. S. da Abadia. No último sábado de junho temos a Cavallhada de São Benedito, centenas de cavaleiros participam deste evento. A grandiosa festa de N. S. da Abadia do dia primeiro ao dia quinze de agosto, onde se reúne um elevado número de pessoas para venerar a imagem, acontecem inúmeras romarias de várias cidades. O romeiro ou turista que aqui vem por devoção ou curiosidade, sempre volta para agradecer graças alcançadas nessa cidade abençoada. Descreverei a seguir de forma detalhada duas grandes festas em Romaria que vem comprovar a religiosidade presente em alguns participantes.

2.1 Os primeiros habitantes da antiga Água Suja

Para um historiador estudar um centro regional de peregrinação tornou-se um desafio, principalmente pela escassez de referências bibliográficas e fontes documentais. Proponho nesse segundo capítulo apresentar um apanhado histórico dentro da cidade de Romaria: A religiosidade, a propagação do culto e o significado da imagem de Nossa Senhora da Abadia, na vida urbana, e as cerimônias religiosas, incluindo a festa em comemoração ao dia de Nossa Senhora da Abadia que se comemora no dia 15 de Agosto e a Festa de Folia De Reis entre outras festividades populares, o comércio à margem das Festas, a economia informal, os problemas sociais e o movimento de peregrinação, esses são os fatores que movimentam a população de Romaria.

Para entendermos a importância da religião católica da população romariense, é importante primeiramente entender o significado de religiosidade no Brasil e o que é ser santo no catolicismo popular. A noção de religiosidade é a junção das práticas cultuadas em favor a algo sobrenatural que ultrapassa a experiência humana, sendo que a religião católica é dita como oficial pela igreja. Segundo essa, a religião que foi deixada por

⁶ Percebo que a população de Romaria é em maior parte religiosa, vive em busca da espiritualidade, embora nos dias festivos usem da oportunidade para fins comerciais e diversões, é perceptível a fé e simplicidade em maior parte dos romarienses.

Jesus Cristo, baseada na sagrada escritura onde diz: ⁷Mateus V: 16 C: 18 “Tu és Pedro, e sobre essa pedra edificarei a minha igreja”. Com essa frase por comprovação bíblica os primeiros cristãos acreditam se tratar da construção da primeira igreja católica em Roma, embora esse tema seja debatido entre pesquisadores para comprovar a sua veracidade, versus o debate e o estudo entre esses estudiosos sobre o que é a religião popular.

Religião católica oficial ou popular? Esse é um tema polêmico entre os pesquisadores que se arriscam em definir se a religião na atualidade é oficial ou popular. Acredito que a religião oficial se firma através de dogmas e imposições de ordens superiores do catolicismo, sendo que a religião popular se estabelece a partir da imaginação popular e os resgates baseados no catolicismo e multiplicidades de crenças.

Passos em “Invenção das devoções” (2013), a história mostra que tanto a religião oficial quanto a popular estão cheias de símbolos e mistérios, crenças e mitos e alguns estudos contemporâneos até mostram o significado plural desse campo religioso. Outro tema cultuado pelo catolicismo é o ser santo que ganha sentido no espaço que insere a cultura popular, entendo por esse tema como resgate e forma de manter vivas as manifestações religiosas e folclóricas.

Retomarei ao conceito de santo, que é um intercessor entre o céu e a terra, os homens e o divino. Apenas a igreja católica que tem a competência de determinar quem serão os santos (as) canonizados, e as dádivas conferidas em vida ou as realizações de milagres após a morte.

A partir do entendimento sobre o que é ser santo e religiosidade,⁸ consegue-se entender a grande veneração pela imagem da santa de Nossa Senhora da Abadia em Romaria por maior parte da população, mas também será necessário mencionar as origens históricas do culto dessa imagem que apresenta origens distantes tanto no tempo quanto no espaço. No século VIII a invasão de Portugal pelos Árabes fez com que Monges Cenobitas se escondessem numa das cavernas da região, lá havia a imagem de Nossa Senhora, que era venerada no mosteiro de São Miguel, foi construída no monte São Miguel na Região de Braga em Portugal, ela era esculpida em madeira.

⁷ Referencias bíblica. **Novo mandamento.** Mateus v: 16 C: 18

⁸ Nas festas em Romaria é perceptível a presença da religiosidade em maior parte da presença dos festeiros, uma relação contratual ou devocional entre os santos (as) e o devoto. Na relação contratual o devoto em troca de uma graça alcançada retribui com um bem material. Na devocional o devoto se apoia no santo (o) esperando uma graça.

Sousa (1997), afirma que no ano de 1107, freis Lourenço e Paio Amado que eram os responsáveis pelo mosteiro, viram uma claridade que indicara o local onde no século XVIII a imagem fora escondida. Ao amanhecer foram ver do que se tratava, acharam a imagem da Virgem Maria, e ali construíram uma igrejinha, e é exatamente nesse momento que começa a devoção a Nossa Senhora Da Abadia, o Superior desses Monges recebe o nome de Abade e o mosteiro de Abadia conferindo à imagem que encontraram. O culto iniciado nos primórdios do século XII mais tarde se espalharia, avançando para outros continentes e atingindo diversos países, aproveitando para tal a intenção da ação colonizadora de Portugal. Não é por acaso que a maior parte da população de Romaria é devota de Nossa Senhora Da Abadia, pois os primeiros habitantes de Romaria, antiga Água Suja, foram portugueses. Com certeza se os primeiros habitantes do povoado de Água Suja fossem descendentes de Franceses ou Italianos, por exemplo, a devoção seria a outro Santo.

O povoado da antiga Água Suja se faz em torno de fatos históricos e de quê de aventuras, não só em volta das lendas mitológicas. Os primeiros habitantes de Água Suja, na maior parte, eram devotos de Nossa Senhora D' Abadia, e anualmente faziam uma romaria a Mequém no Estado de Goiás para louvar a Imagem de Nossa Senhora. Mas as dificuldades encontradas fizeram com que estas peregrinações anuais ficassem quase impossíveis. Movidos por uma ideia e animados pela fé, decidiram sobre a edificação de uma capela, em Água Suja, onde pudessem venerar a Mãe de Deus com o título de Nossa Senhora D' Abadia.

Recebendo a autorização e chefiada por Joaquim Perfeito Alves Ribeiro foi construída uma capela provisória que era coberta com folhas de Babaçu, ao mesmo tempo em que os primeiros materiais do Santuário eram carregados para o local. 1870 foi um ano memorável para a população de Água Suja, em primeiro lugar pela construção do templo que veio a contribuir para a transformação de um povoado em um arraial. Para tão grandioso evento, Joaquim reuniu alguns amigos: Alferes Balbino, Carlos José Rezende, Francisco Daniel, entre outras pessoas, expondo um plano para adquirir a imagem de Nossa Senhora Da Abadia. Outro fato inesquecível aconteceu neste mesmo ano foi uma forte e abundante geada que caiu durante quase três dias e três noites. Depois do fim de geada foi feito ao governo Imperial o pedido da imagem de Nossa Senhora para a cidade de Romaria. Concedido o pedido, esta imagem de Castanheira foi feita pelos Portugueses que foi transportada para o arraial de Água Suja,

onde foi recebida com muitos festejos. Nessa nova capela a imagem foi venerada por quatro anos, sendo que pessoas de todas as condições sociais se prostraram diante do altar de Nossa Senhora da Abadia, agradecendo-lhes as graças recebidas (SOUSA, 1997).

Segundo Damasceno (1997) em 1874 iniciaram-se as obras de um novo Santuário, todo feita de madeira, diante da Igreja foi feito uma entrada em semicírculo para a entrada. O surgimento de Romaria difere de alguns centros de função religiosa no que diz respeito a origem do povoamento e culto comparando a outras cidades de alguns centros paulistas. Há em Romaria uma relação entre a atividade diamantífera e o culto à religião católica, esse culto foi implantado por garimpeiros descendentes de portugueses da região de Braga. Nos três primeiros anos do povoado a mineração atingiu seu auge de prosperidade, possibilitando que os garimpeiros acumulassem bens e fizessem fortuna. Ainda em 1875 se minerava, mas em escala reduzida. As terras arrendadas para exploração mineral pertenciam ao patrimônio territorial da Paróquia de Água Suja. Mas toda a localidade se apresentou em decadência nos anos de 1914 e 1915 devido à suspensão dos trabalhos de algumas companhias que assumia a direção das explorações das minas.

São intelectuais, políticos, autoridades, marinheiros, militares, pescadores, pessoas jovens, crianças e idosos que invocam a proteção de Nossa Senhora da Abadia. Recorrem a ela em momentos de aflição, nos momentos de agonia, recebendo sua ajuda e consolo. Para a população de Romaria ou visitantes e Romeiros e Peregrinos que têm a fé fervorosa em Nossa Senhora D' Abadia, a fé é uma grande virtude sobrenatural, animando e engrandecendo os que acreditam na presença viva da imagem. As solenidades, alegres, dão descanso espiritual. No início do mês de agosto vão aparecendo os primeiros romeiros, vindos geralmente de cidades vizinhas a pé em direção à imagem da Mãe de Deus em agradecimentos a uma graça recebida pela emoção de ter chegado aos pés da Santa. Conheceremos mais á frente um pouco sobre a história de fé desses romeiros e peregrinos com essa fé grandiosa na imagem de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja.

2.2 A religiosidade em Romaria e a propagação do culto a Nossa Senhora da Abadia

No período de 06 a 15 de agosto de todos os anos na cidade de Romaria, uma grandiosa festa acontece em louvor á Nossa Senhora da Abadia. Um número significativo de pessoas passa pela cidade nas vésperas, e aumentando ainda mais no dia da festa. Apesar desse movimento significativo de pessoas na cidade incluir o comércio, o lazer, pessoas que pedem esmolas e trabalhadores informais, predominam as atividades ligadas à religião, sendo que pessoas vão à festa por tradição, pela fé, ou em agradecimento á Santa. É notável que a cada ano que passa superam-se os limites e extrapola o número de pessoas.

É característica típica da cidade de Romaria que tem a função religiosa, em época de suas principais festas, se abrigarem além de seus habitantes, também comerciantes, fiéis, pedintes e um número elevado de pessoas que são meros espectadores, indo apenas para conhecer e assistir toda essa movimentação. Paralelo a esse “formigueiro humano” está a fé que é acreditar naquilo que o homem não consegue ver, sendo o milagre a confirmação dessa fé.

Fatores externos também acontecem, como aluguéis das calçadas pelos proprietários por preços altos, roubos, pedintes que fingem estarem com graves feridas no corpo em frente à escadaria da igreja com o objetivo de comover o coração dos fiéis e ganhar esmolas entre outros acontecimentos referentes a esse número de pessoas. A cidade perde sua característica própria, de uma cidade com poucos habitantes e pacatas, e se torna super populosa em dias de festas, também bem movimentada. Ao se tratar de religiosidade popular se faz necessário tornar compreensível a relação entre fiéis e os santos(as), principalmente na população romariense. O primeiro é uma aliança entre o devoto e os santos(as), sendo que esses devotos se apoiam nos santos(as), esperando a sua proteção e interseção; já o segundo é um contrato que, diante da concessão de uma graça recebida, ou seja, de um benefício, há a retribuição por meio de um ato de culto. Se a graça for concebida há uma manifestação em agradecimento como reza de uma missa, de terço, entre outros sacrifícios ao santo(a).

Fazendo uma análise acerca do significado de religião. Essa é considerada popular e científica. A religião é um fenômeno humano e político, pois essa se relaciona com o problema do poder e o conflito das classes. Envolvida nas festividades de Romaria,

entendo a religiosidade e a cultura popular ali inserida entre os festeiros, perpetuando a fé e as tradições e a necessidade de fé e cultura se manterem juntas. Por ser a devoção a Nossa Senhora da Abadia de caráter popular e de grande expansão, é natural o aparecimento de crenças que erram costumes, tradições, pessoas curiosas que acreditam apenas nas festividades, fatos esses que a igreja combate com tolerância.

Não me refiro popular a uma classe subalterna, mas á festividade vista apenas como diversão o catolicismo às vezes se alicerça nas promessas, então natural seria que após o pagamento da promessa o fiel se desligasse do santo (a), pois ambos cumpriram o contrato um com o outro.

Porém, o fiel continua ligado ao seu protetor, e não interrompe as romarias porque o dom de dar, receber e retribuir não para de se completar é um eterno retorno o que explica a devoção. A religião popular nasce do povo, vem de uma crença comum, sendo que a festa da padroeira no mês de agosto é que consagra Romaria como sendo um centro de peregrinação. Outro fato curioso na cidade é a relação homem-religião, são as promessas feitas por católicos ou não, simplesmente devotos na Santa sem mesmo entender o significado desse voto. Em agradecimentos vão a pé até os pés da Santa, outros simplesmente sobem ajoelhados as enormes escadarias da igreja, levando dinheiro ou não em agradecimentos. Devotos, como forma de agradecimento, levam objetos até a sala dos milagres, uma casa grande localizada no centro da cidade reservado especialmente para esse fim.

Os objetos variam: cabelos cortados, bengalas, fotos, peças confeccionadas em parafinas com o formato de partes do corpo, entre uma variedade de objetos pessoais em comprovação de um milagre recebido, demonstrando a fé, amor e gratidão, (Sousa, 1997)⁹. Acredito ser uma característica do “Homem”, diante de acontecimentos extraordinários para aqueles que acreditam no sobrenatural, expressar a emoção e agradecimento doando os objetos para a Santa Padroeira.

Podendo variar, de ano para ano há alguns ritos da festa no dia 15 agosto: às 5 horas da manhã estouram foguetes no ar com sons agudos e coloridos, dos olhos dos fiéis saem lágrimas silenciosas de emoção, enquanto do alto-falante do santuário se ouve a oração da “Ave Maria” e um grupo de pessoas segura o mastro da imagem oferecendo-lhes sua vida, pedindo seu amparo. As missas nesse dia acontecem de hora em hora, os romeiros principalmente na parte da manhã chegam de caravanas de ônibus

⁹ SOUSA, Geovane da Silva. **Conhecendo Romaria**. Araguari. Minas Editora, 1997. p. 39.

ou em carros particulares. Às 12 horas soa o sino e é anunciado entre rojões e replicar dos sinos os convites a todos a rezarem a oração da Ave Maria. Às 18 horas acontece missa seguida de procissão e a coroação da imagem, estouram foguetes e muitas emoções. Assim, acontece o encerramento da festa, uma tradição de todo dia 15 de agosto, quando os fiéis saem emocionados e renovados na fé e com a certeza da graça de Deus de estarem ali no ano seguinte.

A imagem de Nossa Senhora da Abadia continua tendo a missão de mãe, a de atrair seus filhos ao santuário, acolhendo sob o seu manto protetor todos que se predispõem a visitá-la. Pessoas saem de suas casas quase sempre com sacrifícios para chegarem aos pés da Santa são os chamados romeiros, aquelas pessoas que buscam ir à cidade de Romaria com a gratidão da graça recebida e a paz espiritual. Em volta do templo duas grandes filas alcançam quase dois quilômetros: na primeira fila são os romeiros que vão rezar e depositar sua contribuição aos pés da santa e em outra fila estão fiéis de todas as idades que vão até os pés da imagem.

Diante dessa grandiosa festa do dia 15 de agosto acontecem em Romaria outras festas religiosas e culturais: Festa de Congos, Festa de São Benedito e o encontro de Folias de Reis. Em consequências dessas festas acontecem à sociabilidade, as tradições culturais a partilha da fé pessoal e coletiva as crenças, o sagrado se mistura ao profano e fica difícil captar o sentido de tantos significados, onde existem mitos, máscaras, e fantasias, a presença de um Deus onisciente e impalpável tanto no corpo de seus envolvidos quanto no próprio conceito. As festas acontecem por essa responderem a alguma necessidade individual ou coletiva e cumprindo a função social, ela simboliza para alguns participantes a comemoração coletiva da presença de Deus. Segundo Brandão (2010) o catolicismo é uma prática antiga, mas que hoje se tornou também uma prática econômica na qual Deus pode ter muitos rostos.

Outra festa religiosa e popular de grande importância que acontece na cidade de Romaria é o encontro das Folias de Reis. Uma festa que julgo popular, pois as manifestações que lá acontecem estão definitivamente inseridas no meio daquele povo, há a perpetuação da religiosidade e a tradição dos foliões associada à devoção aos Santos Reis, à competitividade de maiores versos cantada pelos foliões e a beleza dos enfeites das roupas do mesmo. Dentro de um terno de Folia de Reis existe: a regularidade, hierarquia, e união entre os componentes associados à devoção aos três Reis Magos. Constando um público bem diversificado, que através das festas buscam a

religiosidade, o comércio, a diversão, a tradição das idas às festas de Reis. É natural na história das festas, e no decorrer dessas, que novos valores e formas vão surgindo, tornando realidade seus sentimentos e exercendo avanços e ambiguidades no caráter e desejo dos participantes.

A festa de Folia de Reis é uma festa de cunho religioso e ao mesmo tempo uma celebração popular. Os padres de Romaria a partir da década de 1970 reconheceu a folia de Reis dentro do catolicismo e a sua veracidade, assegurando que os Três Reis foram homens Santos e escolhidos por Deus para visitar o menino Jesus no seu nascimento. Até a década de 1970 a prática da Folia de Reis era permitida na cidade de Romaria, mas era questionada e não era aceito o encontro de Foliões devido o questionamento de alguns párocos da igreja, que reprovavam o uso de bebidas alcoólicas por parte de alguns foliões, alegando ser uma má influência para a população de Romaria. Era permitida a Festa de Folias de Reis junto com a festa de Congos reunindo profanos e religiosos. A festa de congo tem um reinado composto por rei, rainha, princesas, mucamas, o papel desse reinado é tentar unir todos os participantes num mesmo sentimento de fé em nossa senhora do Rosário. A Folia de Reis tem o objetivo de manter viva história dos três Reis e a fé nos mesmos (BRASILEIRO, 2010).

De acordo com Brasileiro (2010), a festividades de Reis deve ser olhada como atividade cultural inserida na religiosidade diante de um grande mistério popular. O Encontro da Folia de Reis acontece no segundo domingo de Janeiro, data que prevalece até a atualidade, devido à necessidade de separar as festas, pois o grande número de pessoas que passaram a frequentar tal encontro, fez com que a estrutura da cidade não suportasse tanta gente, então no ano de 1970 separaram-se as datas das festas.

Bonesso (2012) afirma que nesse mesmo ano acontece o primeiro encontro dos foliões com participação de foliões locais e regionais, os encontros foram e ainda são considerados pelos foliões como sendo referências para outras Folias de Reis e é a maior festa de Reis do Triângulo Mineiro reunindo um universo de fiéis e foliões e certa regularidade a ser seguida entre os grupos de folias. Destaco que na década de 1970, quando começaram os encontros dos foliões, a reponsabilidade do acontecimento das festividades das festas era da igreja e da prefeitura. Mas no decorrer dos anos e acontecimentos das festas em Romaria ficou evidente que o poder da igreja na cidade era inquestionável, além de promover os eventos sustentavam à economia da cidade

com arrecadações nos períodos festivos, diante do confronto religioso e civil ficou decidido que a maior parte dos organizadores da festa seria de reponsabilidade da igreja.

O Padre Estanilau Mello Ferraz, conhecido carinhosamente como Padre Lalau, incentivou novos valores doutrinários, organizou novos encontros das Folias Reis, atitudes essas que foram bem aceitas pelas camadas populares, atual vigário, na década de 1970 foi o 23º vigário de Romaria e que em tão pouco tempo promoveu grandes transformações na paróquia. Entre suas benfeitorias ele criou o Recanto do Romeiro para abrigar e acolher os peregrinos que iam até Romaria, dando assistência a todos se tratando de pousos, comidas e remédios. Ele tinha como objetivo levar a palavra do evangelho a todos os participantes da igreja, incluindo os romeiros ali presentes. Entre tantas mudanças na paróquia, promoveu e organizou os encontros das Folias de Reis na cidade, nesse período existiam aproximadamente 53 ternos de folias. Padre Lalau, prevendo o crescimento festivo, construiu um galpão para essa finalidade, mas na atualidade os números dos grupos aumentaram chegando a aproximadamente 102 ternos, e as manifestações, além do galpão, vão para a praça. O dia do encontro das Folias de Reis se torna um dia muito especial e diferente para todos os participantes, descrever essa festividade é tentar demonstrar a mescla da popularidade e a religiosidade (BONESSO, 2012)¹⁰.

Descreverei o dia da festividade de Reis na cidade de Romaria baseado na minha vivencia: Dias antes do acontecimento das festas ocorre uma reunião entre o padre local e os capitães dos grupos de foliões que irão participar da festa, sendo que nessa reunião são escolhidos os próximos festeiros do ano seguinte. Esses têm a função de acolher os fiéis, participar da vida do santuário, trabalhar na arrecadação de mantimentos e orientar e servir os visitantes. Tais festeiros são grupos diversos: fazendeiros, comerciantes e pessoas de classes populares. Toda comida oferecida na festa, desde o café da manhã até o almoço e o doce são responsabilidade da arrecadação dos festeiros sem nenhum custo para os fiéis, são doações aos Santos Reis e os doces são ofertados pelos festeiros. No ano de 2014, segundo informações de um festeiro da cidade, foram feitas setenta latas de 20 litros de doces dos mais variados.

Nas festas de Folias de Reis a parceria Prefeitura e Igreja são mínimas, pois essas se mantêm com doações e possuem sua própria cozinha. De uns dois anos

¹⁰ BONESSO, Márcio. **Encontro das Bandeiras**: as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 111.

aproximadamente em diante é que a prefeitura passou a oferecer uma pequena verba para a festa, sendo que a renda e impostos do comércio pertencem à Prefeitura, porém a participação da polícia e bombeiros é de total apoio, ficando em pontos estratégicos da cidade. A igreja oferece a infraestrutura básica como preparar o espaço do santuário dentro e envolta dele, o palanque para apresentação dos grupos, aparelhagem de som e os enfeites da festa.

O número de grupos de Foliões vem aumentando significativamente, estima-se que no ano de 2014 estavam presentes mais de 102 ternos ou companhias, ou seja, grupos de Folias de Reis. Os grupos dos participantes são os mais variados: comércio informal, jornalistas, músicos e pesquisadores, a cidade se torna uma verdadeira atração turística. As cerimônias festivas começam às cinco horas da manhã, com foguetes, som de músicas, as chegadas dos foliões e muito colorido por toda a cidade, que fica muito enfeitada. Há também enfeites nas roupas dos foliões, também têm um ar de muita felicidade no rosto, assim os fiéis vão chegando aos poucos, cada um a seu modo, em caravanas de carros particulares ou ônibus, motos, enfim, o importante é a participação na festa. Os rituais são divididos em três momentos¹¹: concentração, apresentação no palanque e visita à igreja. O espaço na atualidade se tornou pequeno para o número de participantes, seja para assistir à festa, irem ao santuário ou conversar nos bares.

É notável nas falas dos foliões mais tradicionais a importância de manter viva essa tradição cultural, e o segredo para tal é a fé que faz dos participantes o ícone cultural em Romaria e prova o quanto a folia é importante, pois é a demonstração da fé. É necessário cultivar a Folia de Reis, não só na forma da oralidade, mas por meio de registros contínuos, assegurando futuras gerações de Folias. Claro que no decorrer da história parcialmente parte da cultura vai se perdendo e se inovando em outras formas, mas é necessário ao menos se manter a essência, pois variando de região as folias se distanciam, quer seja nas cantorias ou vestuário, componentes, mas nunca permitindo em uma folia atos de politicagem, quando um político quer tirar proveito dessa festividade em seu benefício próprio.

A população no dia das festas é variada: Pessoas que ali estão presentes pela fé nos três Reis Santos, meros participantes sem nenhuma religião, há quem vá com a finalidade comercial, pessoas com o trabalho informal, fotógrafos, jornalistas,

¹¹Entrevistas concebidas com atuais foliões na cidade de Romaria, no mês de setembro no ano 2014.

mendigos, pessoas só com o objetivo de roubar aproveitando o grande número de pessoas, enfim, assim se constituem as festividades em Romaria.

A festa é um ato coletivo, planejada e articulada em torno de um objeto. Elas são de grandes valores para os participantes e organizadores. Teremos como prova de grande demonstração do valor dessa festa dos Santos Reis, duas entrevistas de dois moradores e organizadores dessas na cidade de Romaria.

2.3 Entrevistas com foliões na cidade de Romaria

A entrevista foi realizada no ano de 2014 com o vereador e atual folião e morador da cidade de Romaria, senhor Selcom Sebastião Pires, 47 anos, casado e residente há mais de 30 anos em Romaria, um vereador conceituado na cidade e um dos organizadores dos encontros de Folias de Reis. Segundo o entrevistado, recebeu por herança de seus pais esse dom de ser folião e a sua função no exercício da política não interfere, porque não é permitido pelos párocos da igreja misturar as festas religiosas com o trabalho da política. Para ele ser folião foi influência da família, o pai foi folião até a morte, a mãe responsável por rezar o terço, os irmãos são foliões, o sobrinho e o tio também. Ele sente uma grande emoção em ver a família e também jovens envolvidos nos ternos de folias, garantindo a continuidade da tradição. Ao ser questionado sobre os componentes nas folias, ele alega apenas não gostar da figura do palhaço, segundo ele esse pode causar desatenção em decorrência de experiências negativas no passado. Selcom possui um terno de Folia de Reis (Estrela Guia) e afirma gostar muito da participação de crianças, pois esses garantem as novas gerações de Foliões.

Selcom há mais de 10 anos vem conduzindo a sua própria Folia de Reis, ensinando os mais novos, construindo melodias, dando bênçãos e propagando o Evangelho e a fé em Santos Reis pela cidade. Segundo ele o seu modo de trabalhar perante a Folia é muito singular, ele sai com o seu terno cantando pela rua até que alguém se predispõe a abrir as portas para dar início ao ritual sagrado de Santos Reis. As pessoas das residências que permitem a entrada da mesma se ajoelham e choram frente a Bandeira de Santos Reis. No ritual de Folia, a frente vai a Bandeira que protege todos os foliões ao iniciar a sua jornada.

O entrevistado diz que vários foliões são analfabetos, mas cheios de sabedoria divina. Seu grupo da Estrela Guia possui participantes de diferentes idades, jovens que

muito o alegra com a participação desses, ele crê que estarão garantindo a permanência da tradição e os idosos cheios de conhecimentos a fim de ensinar aos jovens aprendizes. Quase sem palavras e tomado pela emoção, ele diz que aprendeu essa profissão com o pai ainda criança e se alegra imensamente ao ver as crianças e jovens com o mesmo interesse do que ele quando criança, e não pretende deixar essa profissão.

A segunda entrevista é com um morador da cidade e um dos primeiros organizadores dos encontros das Folias de Reis em Romaria, que vêm comprovar os gastos e o início dos encontros dessas na década de 1970.

Essa entrevista foi feita com o senhor Luiz Pires dos Santos de 75 anos, conhecido como Dito da Neguinha, morador na cidade há mais de 50 anos e um dos primeiros organizadores das festas de Reis há 37 anos. Segundo Dito, anteriormente à década de 1970 não aconteciam os encontros das folias pela não aprovação de alguns padres da igreja católica da cidade, alegando e não aprovando o uso de bebida alcóolicas pelos foliões.

Clemente Bastos, um padre holandês que atuou na paróquia de Romaria por um curto período na década de 1970, dizia que embora a folia fosse cultural, seria também uma festa religiosa na cidade, se isso não fosse possível ele reprovava as festas. Mas um dos principais motivos para a reprovação das festas era o uso de cachaça pelos foliões durante as práticas e saídas dessas pelas ruas e no meio rural, o que era comum na época. Atitude que seria um péssimo exemplo para a população romariense e visitante.

Isto muda no ano de 1976, com a chegada de Padre Lalau, que se interessou muito pelas festas religiosas da cidade, especialmente a de Santos Reis. Recém-chegado, conhece todos os membros da igreja, incluindo o S.r. Dito, convidando esse entre outros participantes para começar uma organização das festas. Dito sai pela região e toda a cidade a convidar os foliões para se reunir e começar a realizar as festas com o objetivo de levar a palavra do evangelho através do cântico e a catequizar a população.

Em 11 de janeiro de 1977 acontece o primeiro encontro dos foliões na cidade e lá se decide que as festas iriam acontecer todos os anos. Dito e outros homens saem pelas regiões, de cidade em cidade vizinha, nos bares e nas rádios das cidades pedindo doações e convidando para as festas¹². Nos primeiros encontros havia muitas dificuldades, e era servido apenas um pequeno lanche para o grupo, o entrevistado descreveu até o que era comum servir: uma banana, um pão com carne e um copo de

¹²Informações baseadas nas entrevistas aos Foliões no mês de setembro de 2014.

suco. As festas aconteciam em encontros na cidade juntamente com o Congado. Nesse momento o pároco Monsenhor Geraldo Magela de Faria atuava junto ao Ministério da Igreja e do seu ponto de vista não se pode ver as festas religiosas e culturais apenas como uma festa bonita. Posteriormente as parcerias entre Congados e Folia de Reis foram dissolvidas principalmente devido à superlotação no dia das festas.

No ano de 2014 existiam mais de 102 ternos ou companhias, ou seja, grupos de Folias de Reis, tendo uma participação de aproximadamente 2000 pessoas, sendo que todas se alimentam sem o menor custo, resultando de doações de festeiros. Segundo Dito, as festas se mantinham por doações e com uma doação mínima da prefeitura se necessário, mas de dois anos pra cá, pois antes não tinha nenhuma ajuda. A igreja possui todos os seus materiais de uso para o preparo das refeições, como pratos, panelas, tachos e materiais de limpeza. A festa em si é pura religiosidade e não há nenhuma participação política, a renda comercial adquirida das festas pertence à Prefeitura sem nenhuma interferência da igreja. O comércio funciona assim: o proprietário do comércio, além de pagar o aluguel do estabelecimento e uma taxa de 2% à Prefeitura ainda paga 2% para a CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais)..

O mais importante das festas é que elas são compostas, em sua maior parte, por pessoas humildes e analfabetas, sendo que a união e respeito prevalecem no grupo e todos se tornaram mais do que amigos, uma família. O capitão da Folia, membro que tem maior responsabilidade, funciona como um maestro, assim os demais participantes compõem a resposta na música. Atualmente existe um gasto de alimentos para a preparação do almoço no dia da festa. Nesse ano de 2014 foram gastos: 13 vacas; 1.280 kg de arroz; 420 kg de feijão; 5 porcos; 280 kg de frangos; 300 kg de batatas; 200 kg de abóbora cambutiá; 18 caixas de tomates; 10 saco de repolhos; 600 litros de óleo; 300 kg de café; 50 kg de açúcar; 18 caixas de quiabo e 10 caixas de abóbora verde.

Senhor Dito agradece pela pequena contribuição na minha pesquisa e diz que o povo que participa, de forma direta ou não, a maior parte possui uma grande fé nos três Reis Santos e que ele irá levar essa prática do seu trabalho até a sua morte, dando o exemplo dessa continuidade a filhos e netos.

Espontaneamente Senhor Dito oferece para falar um pouco sobre os romeiros que vão a Romaria, ele admira esses romeiros pela devoção e fé ao deixar seus lares para irem às festas religiosos, não só da festa das de Reis, mas de todas as festas que

acontecem em Romaria¹³. Os peregrinos são aqueles que se põe a caminho, deixando os seus afazeres, quase sempre com sacrifícios rumo à cidade religiosa, deixando revigorar a sua fé e a harmonia espiritual. Esses peregrinos ou romeiros buscam as festas religiosas ou mesmo a visita ao Santo (a) cultuado em agradecimentos a uma graça recebida, através da humildade e simplicidade expressam a sua fé. A cidade de Romaria é um exemplo de religiosidade e peregrinação. Nas suas festas, vão romeiros de caravanas, ônibus, motos e carros particulares ou a pé, das mais variadas formas e lugares, intensificando também as visitas aos finais de semana ao santuário para as missas do domingo. Há várias comemorações festivas religiosas durante todo o ano e a cidade se adapta para receber os romeiros e o comércio que flui nos dias festivos, as crenças nos milagres é que faz fluir toda essa peregrinação rumo à cidade de Romaria.

É essa diversidade de romeiros que chegam a Romaria: vão de automóveis ou a pé pagando promessas ou em agradecimentos ou pessoas que dizem fazer o percurso por esportes. Esses são alguns dos responsáveis pelo giro de mercadorias no comércio, as doações nos cofres e aos pés da santa na igreja, são contribuições em forma de agradecimentos de forma espontânea. Segundo o monsenhor Dom Geraldo Magela essas doações são usadas em benefícios de melhorias na área do santuário, em programas sociais e formações de padres.

Quanto aos romeiros que vão a pé, esses merecem destaque. Com os pés cansados e feridos devido à caminhada, eles recebem como forma de carinho muita assistência de pessoas que muitas vezes são impossibilitadas de ir a pé e como forma de gratidão a uma graça recebida, por isso prestam esse trabalho de assistir os romeiros que vão a pé e ficam nos acostamentos com essas finalidades: dar massagens, distribuir alimentos, água, suco, lanches e dar palavras de apoio aos que estão cansados da caminhada. Os romeiros também contam com a ajuda da Polícia Federal nos cuidados com a parte ligada ao trânsito e os candidatos a cargos políticos que montam os seus comitês eleitorais às margens da rodovia procurando amenizar um pouco o sacrifício e, de certa forma, tirar o seu benefício próprio.

Sousa (2013) Outro tema que merece destaque é o comércio, embora haja alimentos que são distribuídos gratuitamente pela gratidão de alguns, existe a

¹³ Luiz Pires dos Santos, 75 anos, morador da Cidade de Romaria aproximadamente 40 anos e um dos primeiros organizadores dos encontros dos foliões na cidade na década de 1970, segundo ele não deixará essa prática jamais. Segundo ele sua admiração e carinho pelos romeiros ou peregrinos é grande, ato que demonstra a fé.

exploração do comércio por outros, que se faz presente ao longo de todo o percurso com várias barraquinhas instaladas em pontos estratégicos como trevos, postos telefônicos e áreas próximas às árvores com sombras para venderem sanduíches, bebidas alcóolicas, água e refrigerantes. Outra dificuldade é que os romeiros veem nos percursos rumo à cidade religiosa a falta de acostamento beira das estradas, a velocidade dos veículos que não respeitam os pedestres colocando em risco a vida dos mesmos, e o fogo que destrói a vegetação provocando muito calor e fumaça. Essa devoção à caminhada faz parte da tradição cristã, refletindo bem o que representantes da religião católica dizem: Os segue o exemplo da caminhada e da peregrinação dos primeiros cristãos.

2.4 Estruturas, comércio, a economia informal e os problemas sociais na cidade de Romaria

Para compreendermos a dimensão dos problemas causados em dias de festas nas cidades religiosas, podendo variar de localidade, citarei o exemplo da cidade de Romaria baseado em informações cedidas pelo site da prefeitura da mesma.¹⁴ Para esse local, devido à tradição são atraídos para as festas penitentes, turistas, comerciantes, trabalhadores informais e até pessoas desordeiras. A cidade é pequena com poucos habitantes, por isso falta ainda uma infraestrutura capaz de receber e acomodar confortavelmente o elevado número de pessoas em dias de festas, assim a rotina em dias festivos muda completamente. Existe um baixo número de sanitários públicos, a perda da tranquilidade por parte dos moradores, há pouca hospedagem. A população local responde a todas as essas dificuldades em torno da função religiosa e comercial, onde são alugados cômodos, casas, varandas, banheiros e quintais para montagem de barracas. Assim, abrigam esses romeiros e ainda tendo uma renda extra, implicando alguns moradores a abandonar suas casas ou partes dessas para alugarem por um preço bem elevado.

Já o comércio às margens da festa busca atender a todo tipo de clientela, alguns romeiros além de viverem a sua fé às vezes até como forma de comprovação de que estiveram na festa em Romaria compram lembrancinhas que confirmam presença: “Estive em Romaria, lembrei-me de você”. O comércio se situa mais na área central próximo à igreja com o maior fluxo de pessoas. Quanto ao comércio local, percebe-se a

¹⁴ Disponível em: <www.uberlandia.mg.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2014.

satisfação e a insatisfação por parte de alguns comerciantes. Esses afirmam que o movimento de pessoas em épocas de festas aquece as vendas, então além de atenderem a população local, recebem bem os visitantes. Já os comerciantes insatisfeitos dizem não serem boas às vendas nesse período pela grande concorrência e a presença de vendedores ambulantes que vivem na informalidade e saem pelas ruas da cidade para venderem e ficando em diversos pontos da cidade, atitude que atrapalha um pouco o comércio.

As cidades que consolidam com a função religiosa por um lado atraem: peregrinos, comerciantes, turistas, fiéis, mendigos que muitas vezes mendigam por profissão e chegam a disputar melhores pontos para mendigarem e se tornam com fins comerciais. Outro grande problema nos finais das festas são os lixos, uma grande quantidade desses por toda a cidade e que na maioria das vezes são muitos plásticos, papéis entre outros, colocando em risco a vida das pessoas, a da população local dos rios, e córregos. O lixo amontoado atrai moscas, mosquitos e outros insetos, o que comprova a infraestrutura na cidade de Romaria. Diante da exposição de fatos e problemas nas cidades religiosas é que compreende a dimensão das festas religiosas (SOUSA, 1997).

Acredito que a imagem para o fervoroso significa a representação viva dos Santos (as), são símbolos de fundamental importância no catolicismo porque remete a história dos homens que foram sofrendores e Santos aqui na terra, o que garante um bom exemplo para os cristãos. Sobre o exemplo de um homem que foi considerado santo pelos fiéis e amigos, pelas suas obras e trabalhos e sua presença em todas as dificuldades, foi Padre Eustáquio. Esse padre mesmo em vida foi considerado um Santo pelos fiéis de onde passava, através das realizações de obras, caridades e a conquista da confiança das pessoas. Mas ele acreditava que essa era a sua “missão a de levar o evangelho porque foi o que prometerá a Deus na sua ordenação de sacerdote”. Schoenenkarb (2013), afirma que os folhetins sobre a vida de Padre Eustáquio cedidos pelo museu em homenagem a esse grande missionário na cidade de Romaria, suas obras foram realizadas em vida, e após a sua morte a igreja está no processo de canonização para que se torne um Santo oficializado pelo catolicismo no futuro.

2.5 Os trabalhos de Padre Eustáquio

Padre Eustáquio era o nome dado a Humberto Van Lieshout, um holandês que nasceu no ano de 1890. Seus pais eram camponeses e adeptos ao catolicismo, sendo que seu pai tinha o sonho de um dia ser comprador e vendedor de lotes e queria muito que seu filho fosse um dia seu sucessor nos negócios, mas nunca um sacerdote. Humberto herdou dos pais o gosto pela religião, mas não pelo trabalho no campo, desde criança já percebia o desejo pelo sacerdócio através das brincadeiras e rezando missas para as irmãs. No momento anterior do ingresso ao seminário, ser sacerdócio, conforme acreditava a população, eram sinal de muita inteligência e muito gosto pelos estudos, características essas que não possuía Humberto. Ele era uma criança com dificuldades para aprendizagem e não gostava muito de estudar. O menino manifestou o desejo ao pai de ser sacerdócio, e o pai tentou desanimá-lo dizendo que ele não possuía características para tal, mas mesmo assim atendeu ao pedido do filho (SHOENENKORB, 2013).

No seminário quando tirava notas baixas era tomado pela tristeza e pelo medo de não alcançar o objetivo, assim a única saída para Humberto foi contar com as suas orações.¹⁵ Enquanto os colegas estudavam muito, fazia o que podia nos estudos e estava sempre com o terço nas mãos num canto a orar e com muita fé, assim concluiu o curso de Filosofia e Teologia. Em 1911 Humberto foi ordenado sacerdote pela Congregação dos Sagrados Corações, tornando-se o Padre Eustáquio. Em 1924 seria enviado pela Congregação e seus superiores para estudar e trabalhar na Bolívia, Uruguai e Venezuela, mas em uma mudança repentina sem motivos conhecidos ele veio para o Brasil a convite do bispo de Uberaba, Dom Antônio de Almeida Lustosa, que desejava a presença de padres europeus, pela escassez de padres no Brasil. Mesmo com pouco conhecimento desembarcou no Brasil na cidade do Rio de Janeiro no dia 12 de maio de 1925 se deparando com uma grande festa no porto em homenagem à chegada da seleção brasileira de futebol que estava retornando de um torneio disputado na Europa. Padre Eustáquio teve muitas dificuldades em aprender a língua portuguesa e se adaptou ao espanhol, junto com mais dois padres que vieram juntos para o Brasil e foram enviados para a cidade de Água Suja no ano de 1926. O povoado de Água Suja sobrevivia do

¹⁵ SHOENENKORB, Leila. A invenção das devoções: crenças e formas de expressão religiosa. In: PASSOS, Mauro, NASCIMENTO, Mara Regina. **A invenção das devoções: crenças e formas de expressões religiosas**. Belo Horizonte, o Lutador, 2013, p. 207.

diamante, local de muitas misérias, prostituição e violência. Disputas no garimpo, brigas amorosas e bebedeiras eram comuns. No campo religioso parte da população era temente a Deus, e já aconteciam as festas da padroeira e as cerimônias religiosas, como casamentos, batizados entre outras, mas apenas nesses momentos, na maior parte do tempo existia um abandono espiritual (SHOENENKORB, 2013).

Damasceno (1997), afirma que Padre Eustáquio e os outros dois Padres foram tratados com muita indiferença pelos moradores que temiam a interferência desses no cotidiano do povoado, pois esses já haviam passado pela experiência da má administração de um vigário que foi muito rigoroso em suas atitudes e não aprovado pela população. Nas primeiras missas desses missionários recém-chegados percebia-se um número muito pequeno de fiéis.

A chegada desses foi às vésperas da festa da padroeira da cidade no dia 15 de agosto, mas os missionários apesar de serem autoridades religiosas apenas observavam junto aos organizadores a preparação da festa, pois existia uma tradição na cidade, costumes nos rituais da festa. Na festa da padroeira em Água Suja existiam todos os excessos possíveis: prostituição, jogos e divertimentos. Os missionários sentiram muita resistência por parte dos moradores nos primeiros contatos, e ficavam perplexos com tantos acontecimentos nos dias festivos. Mas com muita oração e fé não desistiram da missão que era de levar o evangelho aquele povo. Após o término dos festejos da padroeira os Padres, a fim de conhecer melhor seus paroquianos, saíam a levar a mensagem de Deus aos lares, sendo bem aceitos por uns e outros não, mas a persistência dos Padres era maior e não desistiam do trabalho de evangelizar os desconhecedores da palavra.

Quanto aos paroquianos do meio rural, as visitas eram feitas a pé ou a cavalo, sendo o único meio de transporte da época; a dedicação era total aos trabalhos da igreja e à conquista dos fiéis. Quanto aos jovens, ensinava-lhes músicas sacras e às crianças era proporcionado lazer de forma educativa. Eles tinham preferência pelos menos favorecidos, à tarde saíam pelas ruas caminhando, às vezes sentava-se nos banquinhos de pedras nas portas dos casebres de famílias que necessitavam do alimento a palavra de fé, entravam, conversavam, tomava um cafezinho e saíam inclusive em casas de doentes. O padre fazia do seu quarto na casa paroquial uma farmácia, onde era possível encontrar pomadas, óleo para dor erva chás entre outros medicamentos, além disso, limpava ferimentos e dava toda assistência aos doentes. Isto porque se tratando de

assistência de profissionais da saúde era a cidade era precária e se houvesse a necessidade de um médico com urgência demoraria quatro horas para chegar, além disso, o farmacêutico da cidade dividia o seu tempo entre a farmácia e a profissão de sapateiro (DAMASCENO, 1997).

Com esse trabalho de dedicação aos fiéis ele conquistou a confiança e uma grande admiração do povoado de Água Suja, que já não conseguia distinguir a medicina alternativa de milagre. Diante dessa grande admiração pelo Padre os fiéis começam a ser bem frequentes na igreja, e as manifestações religiosas se tornaram contínuas, como missas e catequeses. Ele agia conforme os preceitos da religião católica e a adoração pelo Eustáquio foram tanta que esse foi considerado um Santo. Daí vem a grande decepção e tristeza maior, com 10 anos de tanto trabalho em Água Suja e depois de ter conquistado a confiança e veneração do povo, em 1935 foi convocado pela Congregação do Sagrado Coração para iniciar uma paróquia na cidade de Poá no interior de São Paulo. Os fiéis de Água Suja não aceitavam sua saída e organizaram vários protestos e manifestações contra a sua ida para outra cidade, implorando pela sua permanência no povoado. Diante de choros, lamentações e confusões, houve muitas dificuldades para retirar Padre Eustáquio do povoado foi transferido (SHOENENKORB, 2013).

Na cidade de Poá encontrou como missão a pregação do evangelho, recuperando o catolicismo na cidade. Saiu em visitas domiciliares e se deparou com casos de alucinações, histeria, entre outras questões, muitas voltadas para o sobrenatural. Mais uma vez, o Padre tinha como desafio conquistar a confiança da população, e com fé e criatividade fez isso. Assim, ao lado da casa paroquial edificou uma gruta onde benzia água. Aos poucos aumentava a quantidade de romeiros que vinham até a cidade encher suas garrafas e tomando a milagrosa água benta, houve solicitações e atendimentos das pessoas que pediam preces para si e pessoas distantes e ainda exigiam uma lembrança pessoal, assim as visitas foram aumentando e se tornando uma situação incontrollável.

No ano de 1941 em Poá multidões procuravam por Padre Eustáquio com tamanha fé que bastava tomar um pouco de água benta do Padre e todos os problemas eram resolvidos, já não era mais possível organizar as visitas pessoais, pois chegavam à cidade eram grandes romarias em buscas de milagres. Nesse mesmo ano aumentou ainda mais a sua popularidade quando os jornais: o Diário da noite e a Folha da manhã relatavam os milagres de Padre Eustáquio nas primeiras páginas. Diante desse tumulto

de romeiros, a grandiosa fé desses e os milagres, a situação em Poá ficou incontável, assim autoridades do estado de São Paulo requisitaram junto ao arcebispo a saída e transferência do missionário. Com a saída dele da cidade de Poá foi levado a outras cidades em pregação, curas e atendimentos, mas ficando pouco tempo por onde passavam, embora já fosse considerado milagroso pelos acontecimentos passados (SHOENENKORB, 2013).

Ele não era considerado um homem comum, mas sim um Santo humano, isso era um estado anormal, e foi por esse motivo que seus superiores decidiram enviá-lo para um isolamento. Também temia que algo lhe acontecesse, ele era como uma ameaça para as doutrinas da igreja católica, por isso deveria viver por um tempo isolado. Depois de seis meses de isolamento é levado pelos seus superiores para Belo Horizonte em uma casa de congregação. Sai do isolamento, mas lhe são dadas uma série de restrições, a fim de evitar transtornos, evitando despertar a atenção da população e causar tumultos novamente, era permitido apenas atendimento em confessionários.

Diante de tantas restrições impostas, ele continuava sua missão de evangelizar e uma rotina intensa com atendimentos aos doentes, bênçãos aos fiéis e as viagens em pregação da palavra de Deus. Preocupado em realizar as obras, se esquecia até da higienização do seu corpo, saía em andanças pelo mato, ficando repletos de carrapatos e carrapichos, sem se dar conta e saber como e em que momento foi picado. No prazo de alguns dias começou a sentir o efeito da picada e dores, levando-o a ter uma morte típica de um Santo (a), lenta e dolorosa. No dia 30 de agosto de 1943 em Belo Horizonte falece o Padre Eustáquio. Foi uma grande lamentação da população local e demais localidades do país por onde era conhecido pelas suas belas obras, seu sepultamento foi de grandes comemorações, em homenagem aquele homem santo e enviado de Deus.

No ano de 1949 ocorreu a primeira exumação do cadáver de Padre Eustáquio, seus ossos foram trasladados para uma capela na cidade de Belo Horizonte. No ano de 2006 foi legitimada a beatificação e mais tarde se tornou reconhecido Santo pela igreja católica. Mesmo após a sua morte a memória do padre causava transtornos com as vendas de relíquias bentas, e as pessoas que se dirigiam ao seu túmulo, ou seja, a fé no Santo que foi em vida e continua após a morte. Os devotos dos locais onde permaneceu Padre Eustáquio expressam um sentimento de posse em relação a ele, além da necessidade de manter viva a memória do Padre. O que comprova essa aproximação é a

estadia dele na cidade de Água Suja, sendo considerado pelo povoado local o “Pai de todos”, sendo que ainda há o uso das relíquias pelos fiéis.

Padre Geraldo, um pároco da cidade de Romaria afirma em uma de suas missas que Padre Eustáquio é um patrimônio de nossa região, nós respiramos o ar de sua santidade, devido a sua permanência por 10 anos e as belas obras realizadas no povoado. Homem de fé e exemplo para o cristão foi Santo durante toda sua vida e deve permanecer vivo na nossa memória. Na cidade de Romaria, ainda hoje, em locais por onde passou Padre Eustáquio há sinais de peregrinação em sua homenagem. Principalmente nos lugares preferidos dele onde mais fazia suas orações, na época com o nome de parque dos romeiros, atualmente foi construído o museu do Padre Eustáquio, em volta desse muitas flores e ervas medicinais, carros de boi só para enfeitar e outros objetos expostos no museu para lembrar as obras dele. A população atual de fiéis acredita que ficando em oração no local existe sinal da presença e interseção viva dele no meio do povo, além dissona cidade existe a farmácia com o nome do Padre onde algumas pessoas acreditam que lá os medicamentos exercem o poder de cura.

Já em Belo Horizonte a aproximação com os devotos foi diferente. Permaneceu por lá aproximadamente um ano e meio até a morte, o que significa no imaginário do povo que ali é o seu local de descanso eterno e, por isso, deveria ter o privilégio de guardar os seus restos mortais. Porém, quando o Padre chegou ao local não houve a mesma proximidade com a população como houve em Água Suja, pois esse já era conhecido pelos seus milagres.

Todos os locais em que esteve tornaram-se adorado pelas pessoas e passaram a receber as visitas de peregrinos, em busca de orações e objetos benzidos por ele. No hospital onde ficou internado devido à doença até a morte, o seu túmulo tornou local de grandes visitas de romeiros. Percebe-se uma diversidade na adoração nas regiões em volta da cidade de Romaria que faz questão de manter viva a imagem do Santo entre os romarienses devido à experiência da convivência de um homem bom e dono de grandiosas obras e caridades, a sua santidade nasceu entre o povo, a valorização de um homem vivo e Santo. Já em Belo Horizonte, simbolizado pelos seus restos mortais, embora continue a sua santidade, existe a valorização da memória de um homem morto, mas Santo.

Na doutrina católica para se tornar Santo (a) reconhecido são necessários alguns critérios: em vida ter sido bom, humilde, aceitar todas as dificuldades, estar sempre

ligado a Deus através das orações, atitudes essas dita pelo popular. Para a igreja para se tornar um Santo (a) oficializado é necessária a comprovação de no mínimo três milagres, reconhecer a sua canonização, a beatificação. Não é por acaso que a igreja comemora o dia do Santo (a) no dia da sua morte.

2.6 O que é ser santo(a) no imaginário popular

Ser santo (a) é um fenômeno que acontece desde antes da idade cristã. Após o nascimento de Cristo, o conceito de ser Santo (a) ainda está aliado à ideia de sacrifício, injustiças e mortes ligadas a doenças trágicas. Já ser Santo (a) no imaginário popular é o total desapego aos bens materiais, a renúncia total ao casamento, lazer, família e o trabalho em prol dos outros, é o exercício da caridade, ou seja, é o modelo do comportamento de um indivíduo e não está ligado apenas àquele que faz milagres. A santidade é o exemplo de boa conduta de uma pessoa em vida, é a harmonia que leva ao racional, a possibilidade do equilíbrio mental do homem. Às vezes cultuar um Santo (o) popular nem sempre está ligado às expressões religiosas católicas, mas a simples devoção, costumes e lazer. Se tratando das festas religiosas no Brasil, são vários os Santos (as) brasileiros homenageados devido a sua trajetória em vida aqui e esses sevem como um bom exemplo na vida cristã (CORRÊA, 2004).

Nas páginas anteriores tivemos a oportunidade de conhecer um pouco sobre a história de Padre Eustáquio que foi considerado ainda em vida um Santo, tendo sua trajetória de vida ele serve como modelo de Santo popular. A santidade no imaginário popular está ligada mais à imaginação imediata e a sensibilidade, o povo acredita que há uma relação de troca entre o devoto e o Santo (a), mecanismos esses que podem ser visualizados na retribuição da graça aos milagres alcançados. Nos objetos doados pelos próprios devotos aos Santos (as) há uma relação de intimidade com o Santo (a) e os pedidos. Em contrapartida, há uma retribuição que se materializa através dos objetos doados, orações ou sacrifícios pessoais.

Em alguns casos os Santos (as) populares têm a sua existência e história de vida na sua localidade ou região que viveu a comprovação da santidade segundo o imaginário popular. É o exemplo de fé, sofrimentos, situações essas que servem como conformismo, pois o sofrimento para se tornar Santo é necessário, se até Jesus Cristo sofreu, ainda mais o homem, e esse é o verdadeiro modelo de um Santo. Se tratando do

não cumprimento de uma promessa pode ter complicações para a pessoa que a fez mesmo após a sua morte. Há a crença de que se alguém morrer, devendo uma promessa, sua alma não terá sossego e ficará vagando sem descanso. Por isso o compromisso assumido através da promessa tem que ser respeitado se há o desejo de ter paz. Com o intuito de entender o imaginário popular acerca dos Santos (as) descrevi a história de vida de uma pessoa comum, como é o caso de Padre Eustáquio, sendo que seus atos e sua persistência em levar o evangelho ao povoado de Água Suja foram se transformado no mito da sua santidade, permitido essa ideia pelos locais por onde passou e as atribulações e acontecimentos acerca da sua santidade. Ser Santo (a) no imaginário popular é submeter á uma vida de sofrimentos, injustiças, caridade e trabalhos em prol dos menos favorecidos, e possivelmente reconhecidos pela igreja católica (BONESSO, 2012).

Entendemos que as manifestações de fé em torno dos Santos (as) carregam um imaginário individual ou coletivo. A morte lembrada pelos devotos é que faz dos Santos (as) capazes de realizarem milagres, devido a tantos sofrimentos aqui na terra. Assim, as manifestações das festas religiosas são carregadas de simbolismos, culturas e tradições que às vezes até fogem dos rituais da igreja católica, não restringindo apenas a fé, mas indo além como orações, acender velas, levar flores e ofertas em dinheiro. Na verdade, qualquer coisa que esteja afastada da realidade e seja usada para impor um significado à experiência. As manifestações individuais de fé ganham espaço no coletivo, e a busca por um milagre se restringe as aflições e as necessidades individuais ganhando dimensões no coletivo. As festas religiosas que acontecem em Romaria constituem espaços onde as relações entre as pessoas adquirem um modo particular que se diferencia as relações do dia a dia, servem para revitalizar e superar a rotina. Têm como objetivo manter sentimentos do coletivo, evitando caos na cidade. Outro fator importante em prol do acontecimento das festas é a base econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto da pesquisa foi compreender os vários sentidos e significados da festividade em homenagem aos Santos Reis, denominada de Folia de Reis na cidade de Romaria-MG, a partir da década de 1970. Nesse sentido, busquei trabalhar com as questões que envolvem as mudanças que ocorreram nas festas, no sentido de melhorias e melhor acomodação dos fieis e festeiros nos dias de festivos. A história dos encontros das Folias de Reis na cidade de Romaria tornaram-se sujeitos históricos e a religiosidade ganhou espaço e valor na memória, no tempo e na história, uma forma significativa da crença popular que está inserida no universo da religião e da cultura popular.

Pude então perceber o campo da religiosidade popular e da devoção em Santos Reis na cidade de Romaria a partir dos encontros das Folias de Reis, que representa as devoções que se inserem no contexto religioso e popular. E quando pensamos na dimensão do catolicismo oficial o culto a Santos Reis a forma de devoção e crença construída através da fé e segundo a crença, milagres recebido, as tramas e vivências, e experiências populares que lá acontecem.

A devoção a Santos Reis é representada mediante a prática das Folias, as experiências de fé dos devotos. A propagação do milagre alcançado é notificada através de votos aos Santos, que após a graça alcançada à pessoa será festeira, isto é, ou fará a festa em sua casa, ou ajudará financeiramente essas Folias. Situações como essas que fazem com que as Festas de Folias de Reis façam parte da história de Romaria, através dos Encontros que lá ocorrem. As pessoas que se deslocam até a cidade nos dias festivos, especialmente no encontro de Folias, na maior parte vão a prol de orações, pois acreditam que Santos Reis possam intermediar suas aflições entre o mundo real e o sobrenatural. A Folia de Reis é uma prática histórica e religiosa que representa a peregrinação dos Três Reis que seguiam a estrela para adorar o menino Jesus.

Foi a partir da década de 1970 quando começou a acontecer os encontros das Folias De Reis em Romaria e região que as festas passaram a dividir espaço dentro da cidade com o comércio, situações essas que alteraram as festividades de modos significativos. Compreender a prática das Folias de Reis e a relevância que ela tem na

cidade pressupõe considerar aspectos que vão além dos rituais simbólicos estabelecidos nos dias da realização. As comemorações congregam uma diversidade de significados, religioso e popular, que podem ser interpretados ao serem confrontados com as vivências cotidianas de seus protagonistas. As festas de Folias de Reis possuem desse modo, características muito peculiares nos encontros que acontecem na cidade de Romaria, então a representação da religiosidade articula códigos e padrões impostos pelos sujeitos envolvidos nas folias. Mas apesar de algumas mudanças, a identidade dos moradores é permeada por expressões da religiosidade à devoção aos Santos Reis, o que gera uma identificação e aproximação dos moradores.

Os praticantes das Folias de Reis e os devotos procuram renomear rituais passados com as inovações impostas pelos participantes do presente, mas as crenças e as manifestações e o trabalho envolvem muitas disputas entre os grupos de foliões participantes, dos enfeites nas roupas aos instrumentos.

O núcleo desses encontros das Folias de Reis envolvem muito mais do que a fé e a devoção do sagrado, mas o comércio, a festividade popular e o divertimento, assim as festas também se apresentam como espaço de embates de práticas sociais.

Romaria é uma cidade popularmente religiosa, onde maior parte da população busca na fé a solução para os problemas e os visitantes que vão à cidade por agradecimento de milagres recebidos. Outro culto histórico entre os moradores é a adoração à imagem de Nossa Senhora da Abadia, sendo que as festas sempre acontecem no dia 15 de agosto e são uma tradição que segue o exemplo das festas de Reis no sentido de misturar, sagrado, profano e comércio. Compreender as festas, tanto de Nossa Senhora da Abadia como a de Reis, implica em observar continuamente diferentes elementos, como a origem histórica dos personagens envolvidos, no caso dos santos reis e Nossa Senhora da Abadia. Desse modo, as festas podem se interpretadas a partir de uma grande variedade de sentidos, esse universo de símbolos e significados possibilita, sobretudo, analisar as práticas vivenciadas e produzidas por um dado grupo social, podendo definir a composição ou a estrutura social do lugar em que ocorre, como essas podem ser interpretadas a partir de uma grande variedade de sentidos.

Durante as festividades de Reis, as famílias católicas recebem as visitas de foliões e fazem doações em alimentos ou dinheiros para a festa em forma de agradecimentos a Santos Reis, sob este aspecto a Folia de Reis é momento de partilha, lembrando o gesto dos três Reis Magos, que levaram presentes quando foram visitar o menino Jesus no seu

nascimento, mas é acima de tudo um momento de pagar ou fazer promessas. Portanto, se as festas em homenagem aos Santos Reis são um espaço da vida das pessoas, as transformações que ela sofreu e ainda sofre são decorrentes dos devotos aos Três Reis (BRANDÃO, 2010).

Assim, a pesquisa apresentou que no decorrer das próximas décadas e séculos a história das festas de Reis na cidade de Romaria tem mais a ser pensado e mudado no sentido de melhorias. Ela não se encerra por este trabalho. A religiosidade e a popularidade são construídas em torno do sujeito histórico e das práticas e experiências devocionais dos devotos aqui apresentados ao longo da pesquisa, apontam para uma crença religiosa local a ser estudado sobre as festividades e os encontros das folias na cidade de Romaria. Tal afirmativa se tornou considerável quando notamos através da pesquisa que, na atualidade, em especial nas últimas décadas, há um nítido interesse em trazer para o presente uma discussão acerca das Festas de Folias de Reis na cidade de Romaria. A atualidade traz à tona um assunto da tradição e os seus sujeitos participantes que vão se adequando conforme a realidade local.

A religiosidade popular tem servido de suporte para muitas pesquisas para o mundo rural e urbano, em se tratando das festividades realizadas em torno das Folias de Reis têm se revelado uma prática religiosa, profana e comercial. Os indivíduos que participam das festas possuem identidades e interesses diferentes: alguns com interesses e vícios religiosos, outro almejam o lado comercial, mas ambas as situações contribuem para a complexidade na formação social, sendo que cada participante se relaciona de modo diferente nas suas crenças e desejos. Em se tratando da religiosidade, essa implica a existência de forças muito particulares, pois a credulidade acrescenta a muitas práticas individuais. Nesse sentido, propõe-se a compreender as questões ligadas à Folia de Reis, realizada anualmente no mês de janeiro na cidade de Romaria-MG. Os encontros e as festividades que lá acontecem passam por releituras, permitindo compreender o universo simbólico presente na Folia de Reis que possibilita perceber o desejo e o aumento dos grupos de foliões.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino**: Festas religiosas e cultura popular. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BONESSO, Márcio. **Encontro de bandeiras**: as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2012.

BORDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida: Ideia e Letras, 2010.

BRASILEIRO, Jeremias. **Na cidade de Romaria tem Congada e tem Folia**. Uberlândia: Aline, 2010.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo. Cia das letras. 1989.

CORREIA, Iara Toscano. **Caso João Relojoeiro: Um Santo no imaginário popular**. Uberlândia: Edufu, 2004.

DAMASCENO, Maria das Dores. **Do diamante ao milagre da fé, Romaria - Ex-Água Suja**. Uberaba: Vitória, 1997.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano - a essência de religião**. São Paulo: Martins

Fontes, 2000. Tradução: Rogério Fernandes.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**: 1830 – 1900. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

PASSOS, Mauro; NASCIMENTO, Mara. **A invenção das devoções**: crenças e formas de expressão religiosa. Belo Horizonte: o Lutador, 2013.

PIERRE, Nora: **O Retorno do fato**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

ROMARIA, Prefeitura Municipal. Disponível em: < <http://www.romaria.mg.gov.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As Barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **O Império em Procissão**: mitos e símbolos do segundo reinado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SCHOENENKARB, Leila. Culto da vida, culto da morte – o bem-aventurado Padre Eustáquio. In: PASSOS, Mauro; NASCIMENTO, Mara. **A invenção das devoções: crenças e formas de expressão religiosa**. Belo Horizonte: o Lutador, 2013.

SOUSA, Geovani da Silva. **Conhecendo Romaria**: sua origem, sua gente, suas tradições. Araguari: Minas, 1997.

SOUZA, Juliana. **Folia de Santos Reis**. 164 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das letras, 1998.

FONTES DOCUMENTAIS

Depoimentos orais:

1. Selcom Sebastião Pires. Entrevista concedida em setembro de 2014.
2. Conversas informais durante uma tarde na prefeitura da cidade.
3. Luiz Pires dos Santos. Entrevista concedida em setembro de 2014. Realizado em sua residência.
4. Consulta.